

DESTAQUES DESTA EDIÇÃO

Concurso Literário
Bahia de todas as Letras p. 2 e 4

A arte da poesia grapiúna p. 5

Página dos Novos

A velha casa de farinha

Poema Cantando do Mãe Água

Receita da felicidade
As letras e seus namorados

A Orelha de Obá: a força do mito nagô p. 7 e 8

Miguel Carneiro:
Na poeira do tropel: poesia e verdade em
Gustavo Felicíssimo p. 9

A Rainha Serpente
Um conto de Antonio Naud Júnior p. 10

Conhecendo nossos autores
por Jorge de Souza Araújo | Luiz Gama p. 11

Da Arca

Uma entrevista inédita do baiano
Jorge Medauar a Antonio Junior p. 13

Bazar de Humanidades p. 14

Abrindo o Livro
"Os becos do homem" e
"Letra, leitor, leituras: reflexões" p. 15

Entrevista

p. 3



"Para escrever bem é preciso ter o que dizer, imprimir alto e fundo significado ao que se quer dizer"

Este jornal tem o apoio da



Via Litterarum
EDITORA

o seu caminho das letras

Editorial Editorial

Alargando a estrada

O *abxz* chega ao oitavo número, o que pode não parecer muito, em se tratando de jornal literário em terras de Jorge Amado, Adonias Filho, Jorge Medauar, Sosígenes Costa, Abel Ferreira (que acaba de nos deixar) e muitos outros, em tempos de analfabetismo, de ausência de uma cultura literária, de amor mesmo às palavras e às letras. No entanto, perece-nos um marco. Da primeira edição, com oito páginas, a presente, com dezesseis, evidente a oferta de novos textos e autores, um fato promissor. Por trás, cremos existir uma promessa de leitores e a perspectiva de formação, ou ao menos, de sua ampliação. Esta a razão, certamente, da **Página dos Novos**, conjugando o interesse do exercício da leitura e da produção de textos. Ou, retomando palavras de Jorge de Souza Araujo no seu "Letra, leitura, leitor: reflexões", pensando especialmente para o universo de professores, atual e futuro "a *pretensão, contudo, permanece a mesma: reavivar no espírito leitor o prestígio da galáxia de Gutemberg como instrumento crítico capaz de repensar o mundo*".

Neste meio tempo apoiamos o concurso literário **Bahia de todas as letras**, que se afina com nossa proposta de revelar e abrir espaço para novos talentos em todas as manifestações literárias e trazemos informações (pág. 4) sobre a participação do público em sua primeira edição e como se efetivaram o processo e critérios de sua avaliação.

Oferecemos duas entrevistas instigantes e elucidativas, ambas atualíssimas pela lucidez dos entrevistados: uma de Hélio Pólvora (p. 3), outra, póstuma, de Jorge Emílio Medauar (p. 13), concedida em 1989 ao jornalista Antônio Júnior.

Destacamos, em **Conhecendo Nossos Autores**, (p. 11) José de Souza Araujo focalizando o escritor e abolicionista baiano Luiz Gama, em sua maestria de poeta e epigramista.

Na seção **Bazar de Humanidades** (p. 14), além de recomendarmos o novo personagem de Leos (Roberval) debatendo o dia-a-dia com os sonhos de Topete, entendemos por registrar as frases de pensadores e fragmentos de poemas que ilustram o Quiosque Walter Moreira, na Praça Olinto Leone, em Itabuna, pela importância que vemos em exposição pública tão provocativa à difusão da leitura e ao (re)conhecimento de autores vários, desde grapiúnas como a mestra do canto Zélia Lessa, escritores e professores JSA e Ruy Póvoas, as poetisas Daniela Galdino e Iolanda Costa, a educadora Márcia Fontes até o músico, e o circunstancialmente Ministro, Gilberto Gil, o paraibano Augusto do Anjos, o chileno Pablo Neruda, o pensador Murilo Mendes, o pensador francês Alexis de Tocqueville e o crítico literário norte-americano Harold Bloom.

Por pensarmos em saúde, a mental, como medicamento a leitura. O que deduzimos (furando a proposição editorial de somente publicar baianos ou radicados na Bahia), com "Alzheimer, o mal do século" (p. 10) texto do psicólogo e escritor Roberto Goldkorn, que extraímos da Internet.

Da colheita

Bahia de Todas as Letras

Na edição de anúncio do concurso literário **Bahia de Todas as Letras**, escrevemos sobre a essencialidade da poesia. "Poesia como sensibilidade, como arte, como a alma humana vertida em palavras e versos". Nesse mesmo texto, retomamos afirmação do poeta Mário Quintana: "a boa poesia não é a que nós lemos, mas a que nos dá a impressão que ela é que está nos lendo".

Na primeira edição desse concurso literário, promoção conjunta da **Via Litterarum** e da **Editus/UESC**, patrocínio exclusivo da **Fundação Chaves**, apoio cultural da gráfica **Mesquita**, do projeto **Quiosque Cultural** e do jornal literário *abxz*, tivemos a apresentação de autores dos principais pólos urbanos da Bahia. Em se tratando de uma primeira edição, a colheita nos parece boa e portadora de promessas.

O **Bahia de Todas as Letras** foi pensado para novos escritores e com pretensão de dar conta das principais manifestações literárias, no curso do tempo. Na sua primeira edição, escolhemos os gêneros poesia e conto. Esses gêneros deverão se constituir em permanentes. Os demais gêneros terão inscrições abertas num sistema rotativo. Os seus objetivos são estimular a criação literária, contribuir para a formação de leitores e contribuir para a construção da identidade cultural grapiúna e baiana.

Somos gratos aos avaliadores pela seriedade e profissionalismo. Sabemos o quão difí-

cil e doloroso é o ofício de avaliar. Cada avaliador utilizou seu referencial e a coordenação do evento acatou integralmente as avaliações.

Considerando que se trata de um concurso literário para novos autores nas categorias em que esses se inscreveram, é plausível concluir que houve muito rigor na avaliação. É plausível argumentar que fossem outros os avaliadores outros poderiam ser os resultados. No entanto, confiamos em nossos avaliadores e o rigor o entendemos como um desafio colocado aos novos escritores. Desafio para que persistam, não cessem no aperfeiçoamento da arte e da técnica de escrever bem, de escrever com qualidade literária, em que pese o caráter subjetivo de toda avaliação. Esse é o desafio que a avaliação parece estar colocando para os novos escritores. Desafio para que conquistem novos patamares de qualidade, para que se superem. Há espaço para novos talentos na palavra escrita em suas diversas modalidades, ainda que o crivo seja rigoroso. As editoras proponentes ratificam as avaliações e continuarão no processo, entendendo que as dificuldades e obstáculos são um crivo com sinal positivo, não devendo induzir ao desânimo, mas um estímulo à superação e à perfeição.

Agenor Gasparetto
Editor da Via Litterarum

Nosso entrevistado

Hélio Pólvora

Hélio Pólvora – itabunense. Viveu em Ilhéus, Salvador (Ensino Médio) e Rio de Janeiro, consagrando-se na literatura e no jornalismo, tendo essa jornada durado 32 anos. Nesse período, foi crítico literário (Jornal do Brasil, Veja e Correio Braziliense), ensaísta (A Tarde Cultural, Salvador), tradutor (obras de Ernest Hemingway, William Faulkner, Mary McCarthy, Isaac Bashevis Singer, Robert Penn Warren, Virginia Woolf, Graham Greene). Na ficção destacou-se como contista, seu gênero preferido, (destacando-se *Os Galos da Aurora*, *Estranhos e Assustados*, *Noites Vivas*, *Massacre no Km 13*, *Xerazade*, *Mar de Azov*, *Três Histórias de Caça e Pesca* entre outros trabalhos). Hélio Pólvora escreve semanalmente uma coluna de ficção e uma crônica no jornal *A Tarde*, onde atualmente reside. Integra a Academia de Letras da Bahia. Dentre

os prêmios, destaca-se o primeiro lugar, conto, nas Bienais Nestlé de Literatura Brasileira, 1982 e 1986. Recentemente publicou *Itinerários do Conto*, pela Editus/UESC e, em 1999, reuniu ensaios de literatura na obra *O Espaço Interior*. No regresso à Bahia, antes de se fixar em Salvador, residiu em Itabuna e Ilhéus, sendo co-fundador do semanário *A Região*, em 1987, e na gestão do ex-prefeito Jabes Ribeiro, foi secretário de Cultura, em Ilhéus.



Expediente

abxz

www.quiosquecultural.com.br/abxz

abxz - Caminho das Letras é uma publicação independente, de periodicidade bimensal, com tiragem inicial de 2.000 exemplares, circulação em todo o Estado da Bahia e distribuição para instituições culturais brasileiras, mais versão eletrônica. Os textos assinados, por suas idéias e expressões, são de inteira responsabilidade dos seus autores. Matérias para publicação diretamente para a redação.

Redação e administração: Rua Reinaldo Andrade de Souza, 157, Fátima, Itabuna - Bahia
Preço avulso: R\$ 1,25 - número atrasado R\$ 1,50

Fundadores
Adylson Machado
Eduardo Anunciação
Jorge de Souza Araujo

Jornalista Responsável
Eduardo Anunciação

Diretor Executivo
Adylson Machado

Conselho Editorial
Adylson Machado
adylsonmachado@hotmail.com

Agenor Gasparetto
vleditora@veloxmail.com.br

Antonio Pazos Garrido
Denise Almeida
den.almeida@gmail.com
Jorge de Souza Araujo
velhomaroto@bol.com.br

Projeto Gráfico e Diagramação
Marcel Santos e Alencar Júnior
Quadrinho e Caricatura
Dai Santos e Leos

Colaboradores nesta edição
Antonio Naud Junior
antonio_junior2@yahoo.com.br

Célia Fonseca
ceufonseca@hotmail.com
Gustavo Felicíssimo
gf.poeta@ig.com.br
Gustavo Haun
g_a_haun@hotmail.com
Miguel Carneiro
miguel.carneiro@bol.com.br

Impressão:
GRÁFICA E EDITORA
MESQUITA
REPRODUÇÃO OFFSET EM ORIGINAL
Fone / Fax: (73) 3617-1831



Via Litterarum
EDITORA

www.vialitterarum.com.br
vleditora@veloxmail.com.br

Entrevista

Hélio Pólvora



Hélio Pólvora:

“Vivemos uma extensa e profunda crise de leitura”

“Nesses tempos de globalismo, a livraria é o túmulo do livro”

abxz – Em qual dos gêneros —poesia, conto, romance — o senhor se sente mais à vontade, fazendo crítica literária?

Hélio Pólvora – No conto, porque tenho velha paixão por este gênero literário. Em segundo lugar, no romance, que não passa de um conto extenso, com a diferença de incluir sub-plots e ter desenvolvimento multicelular. Não me sinto à vontade na crítica de poesia. São raros, aliás, os bons críticos de poesia na ensaística brasileira. Predominam os críticos de prosa. Exemplos de boa crítica de poesia são Mário de Andrade e Sérgio Milliet.

abxz – Ter laços de amizade com o escritor que está sendo analisado atrapalha a crítica literária?

Hélio Pólvora – Sim. Convém o distanciamento, pois estará em análise a obra, não o seu autor. Mas este é um objetivo que somente a crítica séria, quase extinta no Brasil, consegue alcançar. O que mais se vê é a troca de gentilezas entre grupos que se abastecem com elogios recíprocos. Quem se dispuser a exercer a crítica literária de forma rigorosa e honesta não deverá esquecer um livro precioso, *O Crítico Literário*, de Alceu Amoroso Lima. É um manual de ética e bom-senso.

abxz – Fale um pouco sobre a riqueza de algumas amizades que o senhor fez, como Jorge Amado, Jorge Medauar, Euclides Neto e tantos outros.

Hélio Pólvora – Tenho sido premiado com o afeto de muitos escritores. Por exemplo: no Rio de Janeiro, onde passei 32 anos, convivi com José Cândido de Carvalho, autor de *O Coronel e o Lobisomem*, Antônio Callado, Otto Lara Resende, Fausto Cunha, Waltensir Dutra. O grau de relacionamento variou do simples conhecimento à amizade íntima, e envolve muitos nomes. Ao revivê-los, agora, com emoção, vejo que são marcos à beira do nosso caminho comum. É pena, fazem falta. Entre os muitos amigos, na fase carioca (e também baiana) estava Adonias Filho, sobre quem tenho escrito algumas páginas, e Jorge Medauar, grande poeta e contista ainda maior. No meu retorno à Bahia, conheci Euclides José Teixeira Neto, pessoa admirável, homem de grandes ideais e pureza extrema. Eles punham grandeza no que escreviam e exorbitavam na grandeza de alma. Já partiram, o que me faz sentir-me só, empobrecido. Não cheguei a ser propriamente amigo de Jorge Amado. Fui seu leitor e admirador — e sempre nos tratamos bem, com

deferência, quando nos víamos. Considero Medauar um dos maiores contistas brasileiros modernos. Glória para Água Preta, sua terra.

abxz – Como uma pessoa bem humorada, gentil, pode ter um texto tão denso e trágico? Escrever ajuda a catarse, a purgação daquilo que nos angustia?

Hélio Pólvora – O escritor é a sombra do homem. Uma sombra que ele, quando apenas homem, tenta ocultar. Um ficcionista de tutano terá sempre um ponto de vista crítico, que não raro se inclina para a tragédia. É que, nas suas inquiuições, tal escritor busca inutilmente o sentido, a coerência da vida. O romancista Adonias Filho foi um trágico. Em Jorge Amado, conviviam o épico e o narrador de divertidas anedotas. Jorge Medauar cria e acompanha com afeto solidário os seus personagens, mesmo em circunstâncias adversas. Questão de temperamento e formação intelectual.

abxz – Qual dos seus livros o senhor considera o mais bem escrito? Qual o que mais o comove? Por quê?

Hélio Pólvora – Julgar os meus livros sob um prisma de análise textual não seria matéria que me compete — mas aos leitores qualificados.. Escrever bem é uma arte difícil, que vem, em geral, com a maturidade, quando o criador se sente sazonado até a ponta dos dedos, e ouve o pulsar da sua consciência. Muitos não passam do período de aprendizado. Outros se realizam. Para escrever bem é preciso ter o que dizer, imprimir alto e fundo significado ao que se quer dizer e fazê-lo de forma clara, agradável, fluente e criativa. Eu sou inconstante, gosto mais do meu último livro ou do que estou projetando... E todos eles me comovem, porque neles me ponho, de coração partido e tripas expostas.

abxz – Ao escrever, o senhor sente que o texto vem praticamente pronto ou, como Adonias Filho, o senhor o esculpe? Como é o seu processo de criação?

Hélio Pólvora – Creio que há duas fases na escrita: a da gestação, que pode durar semanas, meses e até anos—quando não a vida inteira — e a do impulso de pôr tudo no papel. Eu estou sempre a escrever, com ou sem computador, com ou sem papel. Às vezes, o texto sai mais ou menos pronto, na sua versão cristalizada. Mas, mesmo assim, na hora da transposição ele pede transfusão de sangue. São acréscimos, cortes, formulações, reviravoltas. Um

doloroso processo por assim dizer mediúnico... E mais não digo, porque não sei: apenas intuo.

abxz – Como é ser escritor em nosso país?

Hélio Pólvora – É ser paciente, sofrer, em relação ao editor, sempre evasivo, à mídia, mais preocupada com o rock e o show business, ao leitor, cada vez mais distante e sem poder de compra — e, por fim, ao reconhecimento. Aconselho quem escreve a não pensar em possível reconhecimento: este virá, de alguma forma, se talento houver.

abxz – Como avalia sua experiência como escritor e crítico no Rio de Janeiro? É difícil ser escritor e estar fora do eixo Rio-São Paulo? O que motivou sua volta à Bahia? O senhor se considera um “regressante”, para utilizar terminologia do livro de Agenor Gasparetto?

Hélio Pólvora – O jornalismo me disciplinou para a escrita literária. O resto veio com leituras, paixão, tempo. Uma experiência, portanto, válida. Fiz crítica literária durante vários anos, no *Jornal do Brasil*, às quartas-feiras, e em suplementos de literatura e arte. Também fui crítico de *Veja* e do *Correio Brasileiro*. Fiz amigos, fiz inimigos, essas coisas. Mas fui, acima de tudo, honesto — mesmo sendo, às vezes, desastrado, impulsivo, injusto. Dá para entender? Fora do eixo Rio-São Paulo não há salvação, pois é lá que se adquire nomeada, que se conquista a mídia. A cultura, embora originada fora, “acontece” lá. Voltei à Bahia por motivos de saúde e também impulsionado por sentimentos que agitam os “regressantes” de Gasparetto. Fiz bem e fiz mal, agi certo e errado. Todos os atos na vida trazem vantagens e desvantagens. Mas, a quem quiser ouvir, eu aconselho: não volte para trás, ande para a frente, abra caminho.

abxz – O que o senhor nos contaria de suas realizações e de suas frustrações enquanto escritor?

Hélio Pólvora – Que me perdoem a imodéstia, mas eu me considero escritor feito. Pouco mais teria a dar. Não me peçam mais, que já me dei além da conta. As frustrações são aquelas resultantes de uma ambição normal, limitada — mas, ainda assim, ambição.

abxz – Quando e como surgiu a idéia de criar uma editora e qual foi sua experiência enquanto editor?

Hélio Pólvora – Todos nós, escritores, temos vontade de ser editor para editar nossos próprios livros — e os livros dos

amigos. Sou pessoa de natural inquieta, que está sempre criando jornais, fundando revistas, associando-se em torno de editoras. Assim aconteceu no Rio de Janeiro, quando me juntei a um grupo de moças e lançamos a Antares. Tive o prazer de editar Moreira Campos, contista cearense dos maiores do Brasil de todos os tempos, Jorge Medauar, Salim Miguel e eu próprio. Já de volta a Itabuna, editei o romance *Machombongo*, de Euclides Neto —sua obra-prima.

abxz – Os livros ainda são relativamente caros para a grande maioria da população brasileira. Em geral, as livrarias cobram de 40 a 50% de comissão ou desconto por livro vendido, em regime de consignação. Mesmo assim, livrarias estão fechando as portas, como a Grandes Autores e outras menores, em Salvador. Por outro lado, o drama do autor é conseguir colocar um livro seu em consignação em alguma livraria. Na sua avaliação, o que está acontecendo?

Hélio Pólvora – Alguém, talvez eu próprio, já disse que, nesses tempos globalistas, a livraria é o túmulo do livro. Ou um depósito às vezes visitado. Só vai a livrarias quem é viciado em leituras, quem faz do livro instrumento de trabalho ou gênero de primeira necessidade. Seria conveniente inverter o processo: buscar o leitor — o que implica a criação de formas mais agressivas de venda, em bancas de jornais e revistas, em universidades, nas ruas e praças, nos cinemas. É preciso expor o livro à vista dos que passam. Talvez assim ele encontre mais compradores. Vivemos

O que mais se vê é a troca de gentilezas entre grupos que se abastecem com elogios recíprocos

uma extensa e profunda crise de leitura — fenômeno que se estende pelo mundo. Estamos na ditadura do audiovisual, em plena sociedade de consumo, cercados de todos os lados pelos que desejam *curtir* a vida e não vêm na leitura um meio de *curtição*. Na minha juventude lia-se muito porque não se tinha o televisor, o CD player, o DVD. Além disso, a vida, sendo mais calma e tediosa, pedia a companhia do livro.

abxz – Certa vez, com colega e amigos, o senhor se referiu à livraria como sendo “o túmulo do livro”. Quais as razões dessa indignação?

Hélio Pólvora – Não é indignação. Melhor seria dizer: verificação. Mas eu sempre gostei de livrarias. Nelas entro com a satisfação de quem vai ao bar. Principalmente nessas livrarias modernas, do Rio de Janeiro, com música, café, bar, poltronas macias e mesas para leitura. Em túmulos assim é possível que o livro circule e se transforme em carne viva...

Concurso Literário Bahia de todas as letras

Da participação

“Na primeira edição do concurso literário **Bahia de Todas as Letras**, participaram 31 contistas e 66 poetas. Ao todo foram inscritos 195 poemas e 31 contos, totalizando 226 trabalhos, que foram avaliados pelas duas comissões de avaliação, compostas cada uma por cinco profissionais da área de letras e/ou escritores residentes nas cidades de Itabuna, Ilhéus, Vitória da Conquista, Jequié, Salvador e Feira de Santana”. Estas as considerações de Agenor Gasparetto, um dos responsáveis pela promoção do concurso, uma promoção das editoras **Via Litterarum** e **Editus/UESC**, com o patrocínio

exclusivo da **Fundação Chaves** e apoio da gráfica **Mesquita**, do projeto **Quiosque Cultural** e do jornal literário **abxz - Caminho das Letras**.

Como programado – continua Gasparetto – na Primavera aconteceram as inscrições, no Verão e início de Outono, as avaliações. Ainda nesta estação, serão tornados públicos os classificados para comporem a antologia. No Inverno, deverá ser publicada a antologia e feita a premiação.

Na próxima Primavera, segundo ele, reiniciará o ciclo, tendo como categorias contempladas, em sua segunda edição, literatura infantil e romance, mais conto e poesia, que deverão se constituir em categorias permanentes.

abxz colheu detalhes que demonstram a boa aceitação do **Bahia de todas as letras** em sua primeira edição. O número de inscrições nas categorias oferecidas (ver quadro) parece expressivo, ainda que o objetivo seja ampliar essa

participação a partir da segunda edição. Também expressiva a participação por cidades, destacando-se Itabuna, Feira de Santana, Salvador e Ilhéus.



Quadro dos autores novos inscritos no concurso literário Bahia de Todas as Letras, segundo as categorias, por cidades.

Cidades	Autores inscritos Contos	Autores inscritos Poemas	Total de Autores inscritos
Itabuna	12	22	36
Ilhéus	2	9	11
Salvador	3	6	9
Feira de Santana	6	8	14
Santo Antonio de Jesus	2	1	3
Jequié		2	2
Jitaúna		1	1
Itapetinga		1	1
Camacan		3	3
Coaraci	1	4	5
Iitoró	1	1	1
Belo Campo		1	1
Vitória da Conquista		2	2
Lomanto Júnior		1	1
Barreiras		1	1
Barra do Rocha		1	1
Santo Estevão		1	1
Alagoinhas		1	1
Ubaitaba	1		1
Itacaré	1		1
Serrinha	1		1
Caravelas	1		1
Total	31	66	97

Comissões julgadoras e sistema de avaliação

O concurso literário **Bahia de Todas as Letras**, em sua primeira edição, contou com a colaboração, generosa, dedicada e profissional, de 10 avaliadores, constituindo duas comissões, cada uma composta por cinco integrantes, oriundos e/ou atuantes no mundo das letras, da literatura e da educação. A coordenação do concurso considera valiosa a participação desses parceiros – segundo os organizadores – pelo elevado senso de seriedade e de qualidade nas avaliações. O **abxz** dá a público os nomes dos avaliadores: escritor **Hélio Pólvora**, as professoras **Margarida Fahel**, **Denise Almeida** e **Patrícia Pina**, os escritores e professores **Aleilton Fonseca**, **Jorge de Souza Araujo**, **Maria de Lourdes Neto Simões** e **Peter Turton**, o poeta **Bira Lima** e a jornalista e editora do suplemento literário **Tribuna Cultural do Tribuna Feirense**, **Isis Moraes**.

A seleção dos integrantes das comissões de avaliação buscou valorizar a sensibilidade estética e literária e o conhecimento da modalidade do concurso. No intuito de padronizar o entendimento do processo, o **abxz** reproduz as etapas do trabalho de seleção e de avaliação:

1. Os membros das comissões julgadoras receberam todos os trabalhos em pasta lacrada.
2. Leram cada um dos trabalhos e emitiram um conceito de 1 a 10 para cada um, sendo 10 para excelente e 1 para péssimo, podendo utilizar para cada nota meio ponto (ou vírgula cinco).
3. A avaliação foi individual e o avaliador manteve sigilo sobre os trabalhos e sua avaliação.
4. O prazo para o término desse processo foi o final do Verão e início de Outono, quando recebemos as últimas avaliações.
5. Os trabalhos com avaliação média igual ou superior a nota de corte, sete pontos (7,0) para efeitos de premiação foram classificados para compor a antologia.
6. Para os três melhores trabalhos, o avaliador foi convidado a fazer um parecer por escrito, até 10 linhas, justificando conceito atribuído. (Esse requisito foi cumprido apenas por parte dos avaliadores).

Os trabalhos classificados, como estabelecido no edital, compõem uma antologia, em publicação conjunta da **Via Litterarum** e **Editus/UESC**.

Free Hand

Sinalização e Impressão Digital

Sinalização - Comunicação Visual - Empenas
Plotagem - Busdoors - Back-light
Frotas - Painéis - Stands
Front-light - Displays.

A arte da poesia grapiúna

por Antonio Naud Júnior*



O poema é um peixe que nada em diversos níveis numa corrente e às vezes desce ao fundo para repousar entre as pedras. Há uma sabedoria do poema que vem da força de uma vida e que não corresponde por conseguinte a um saber dispo-

nível que preexiste à sua expressão. Ela é arrancada ao plural sem síntese da experiência; constrói-se pela repetição inventiva – difícil, cuidadosa, apaixonada. É abrindo um caminho ao pensamento que na poesia se conquista a possibilidade do poema. Esse caminho é o da interrogação, um modo de descolagem da realidade como coisa certa e praticável. Não se trata de uma fórmula preliminar, nem sequer a interrogação se cinge à sua forma retórica. A possibilidade do poema como todo (infinito) que não deixa de ser começo está em consonância com a incerteza de que nasce. Por isso o seu inacabamento próprio corresponde à verdade de um condicional absoluto. A interrogação, que é a causa e consequência do poema, não é no entanto nem a sua causa, nem a sua consequência – é apenas o seu lado mais dialogante, o único face ao qual nos podemos colocar armados das idéias e imagens que são, paradoxalmente, o que nos protege, nos paralisa e nos lança no fluir dispersante de nós mesmos.

Embora haja quem diga o contrário, a mais antiga profissão do Mundo deve ser realmente a de poeta. Como guardiões da história oral da sua cultura, os poetas gozavam, nos tempos antigos, de uma posição particularmente elevada. Tal como a própria poesia, considerada patrimônio de monges e filósofos, reis e profetas. Durante a era imperial do Japão, ver-sejear fazia parte

integrante da vida da corte. A reputação de um nobre entre os seus pares podia subir de modo espetacular ou cair precipitadamente devido a um simples improviso poético – e até a própria

forma de um cortejo desenhar os caracteres de sua poética era considerada um índice da sua índole e do seu valor. É muito natural que o poeta use frequentemente as formas utilizadas pelos que escrevem em prosa: o enredo e a cronologia. Mas enquan-

to o prosador se confina geralmente a frases, parágrafos e capítulos, o poeta utiliza muitas outras combinações de sons e sentidos, sempre com o objetivo de relacionar e intensificar o material de que dispõe. Para Samuel Taylor Coleridge, grande poeta romântico, nessa capacidade residia a glória do poder poético.

Existem muitas formas de exaltação e muitas maneiras de a despertar e de a exprimir através da linguagem. A humanidade levou milhares de anos a explorar as fontes de linguagem sem se esgotar. Essas buscas desenvolveram e reforçaram o melhor que a linguagem tem para oferecer, e os poetas foram acumulando gradualmente métodos e formas-padrão a par de uma temática convencional. Ao longo desse demorado processo, a arte da poesia foi-se tornando cada vez mais sofisticada e especializada; e de tal modo especializada que, por vezes, acaba por ficar fora do alcance do indivíduo comum. Os poetas sabem que as regras de poesia são meramente convencionais e recorrem com freqüência a curiosos artificios,

na esperança de encontrarem novas maneiras de alargarem as potencialidades da linguagem. Inventam formas que tirem partido das possibilidades de rima e intensificam as repetições gramaticais. Christopher Smart, excêntrico poeta do século XVIII, escreveu uma composição de 73 versos sobre o seu gato, começando cada verso com a palavra for, por exemplo. A construção de Smart produz efeito, mas serve apenas para esse poema; mais vulgarmente, os poetas criam e transmitem aos outros formas aplicáveis a diversas finalidades. De todas essas formas, a mais conhecida é provavelmente o soneto; mas existem muitas mais, inclusive com repetições e associações de maior intensidade.

significado tem revestido aos olhos do leitor pouco têm a ver com estes complicados jogos de sons e espaços. O nosso interesse por aquilo que os poetas nos podem dizer sobre a vida e sobre nós próprios leva-nos a procurar formas mais vastas de poesia, semelhantes a certas composições em prosa. À parte o drama, a forma mais popular de poesia no Ocidente foi a epopéia e formas congêneres. Seguiram-se, em popularidade, as formas que subordinaram a narrativa aos comentários do autor: poesia meditativa, poesia visionária e poesia satírica, por exemplo. E temos, por último, uma outra forma atualmente tão popular que quase eclipsa as outras: a composição lírica. Nenhum desses gêneros se con-

finha a regras estritas ou mesmo evidentes. Tal como o romance, que escapa constantemente a qualquer definição, também a epopéia, o drama, a própria lírica, não podem ser estigmatizados em formas, métricas e elementos fixos. O que não tem qualquer inconveniente, exceto aos olhos de alguns teóricos que gostariam de classificar e rotular todo o Universo. Para a maior parte das pessoas, essas formas livres encorajam uma equivalente abertura de espírito a todas as possibilidades e variedades de expressão literária.

Como vimos, a poesia não está necessariamente ligada a formas e modelos específicos de verso. Na verdade, pode não ser escrita em verso, e nem tudo o que é escrito em verso é poesia. Apesar da ausência de métrica e rima, esta frase de Franz Kafka é poesia, mesmo em tradução: "Os cães de caça brincam no pátio, mas a lebre não lhes escapará, embora ainda neste momento corra veloz pela floresta". Poesia é um termo honorífico, usamo-lo para exaltar uma determinada es-

Os poetas sabem que as regras de poesia são meramente convencionais e recorrem com freqüência a curiosos artificios, na esperança de encontrarem novas maneiras de alargarem as potencialidades da linguagem



O verso pode variar no tipo, na extensão, no número de sílabas e na acentuação, nas repetições e combinações de som e acento. Além disso, alguns poetas, tirando partido do fato de a poesia ser mais frequentemente lida do que ouvida, criaram formas visuais que conferem ao poema um sentido simultaneamente espacial e verbal. Poetas houve que escreveram poesias sobre um cone de sorvete, um edifício, uma árvore e cuja configuração é a do próprio tema. Mas os gêneros de poesia que através dos tempos maior



Desejo de qualidade!

- ▶ Pre-impressão
- ▶ Fotolito Digital
- ▶ Impressão Off-set



Rua São José, 177 - São Caetano - Itabuna Bahia
Fone: (73) 3617-1831 - www.grificamesquita.com.br

crita de grande expressividade. Mas também o empregamos para descrever os efeitos dessa expressividade sobre nós próprios, e para identificar as imagens e temas do mundo exterior que parecem estimular esses efeitos e essa escrita profunda. A poesia é a linguagem da imaginação e das paixões. Relaciona-se com tudo o que causa prazer imediato, ou dor, à mente humana. Atinge a intimidade e a atividade dos homens: porque apenas o que os afeta da maneira mais geral e

ininteligível pode ser um tema de poesia. A poesia é a linguagem universal que o coração liga à natureza e a si próprio. Aquele que despreza a poesia não pode ter muito respeito por si próprio, nem por nada.

Não é uma simples ocupação frívola (como certas pessoas têm pensado), a distração superficial de uns quantos leitores desocupados ou das horas de lazer – tem constituído o estudo e o deleite da humanidade em todas as épocas. A arte da poesia concede ao universo uma essência de vida e movimento. É rigorosamente a linguagem da imaginação; e a imaginação é a faculdade de representar os objetos, não como são propriamente, mas tal como são modelados por outros pensamentos e sentimentos, numa infinita variedade de formas e combinações de energia.



Na sua capacidade de iluminar, o poema talvez seja ao nível do humano a proximidade do absoluto, o vislumbre do impensável na sua sensibilidade infinita, e em qualquer canto do Planeta Terra pode ser encontrado poetas. O sul da Bahia, por exemplo, é um celeiro de poetas da melhor qualidade,

basta recordarmos o vocabulário rico do introvertido Sosígenes Costa ("Iararana", de publicação póstuma) ou a telúrica simplicidade de Firmino Rocha ("O Canto do Dia Novo"), que teve o seu poema "Deram um Fuzil ao Menino" publicado numa coletânea sobre a paz editada pela ONU (Organização das Nações Unidas) e distribuída em todo mundo. A poesia grapiúna é viva, de expressão torrencial e poderosa, com poder de envolver o leitor num mundo denso e um tónus estético e

Na sua capacidade de iluminar, o poema talvez seja ao nível do humano a proximidade do absoluto, o vislumbre do impensável na sua sensibilidade infinita, e em qualquer canto do Planeta Terra pode ser encontrado poetas.

emocional diferenciados. É também fato conhecido que escritores que vivem fora do eixo Rio-São Paulo dificilmente conseguem ter seus livros lidos por um público mais extenso que o regional. A única forma de consegui-lo,

afinal, é publicar por uma grande editora que possibilite uma distribuição nacional; mas, se poucos alcançam tal intento, mais dificuldades ainda têm os poetas, sendo a poesia um gênero de público comumente restrito (e, por conseguinte, vendagem limitada). Difícil é; mas não é impossível. Cito Telmo Padilha ("O Rio"), que publicou mais de trinta livros, ganhou prêmios, foi traduzido para vários idiomas e dirigiu na década de 80 o importante projeto cultural PACCE. Nascido em Ferradas, viveu a maior parte de sua vida em Itabuna. Um novo livro seu, póstumo, está pronto para ser lançado: "Canto de Amor e Ódio a Itabuna" (Editus).

Procurando realizar uma extensa apresentação da lírica sul-baiana como manifestação artística e rito, ou seja, uma atividade literária voltada para expressar costumes e pensamentos, o encontro "Eu Assino Embaixo: A Poesia Grapiúna é Valiosa!" movimentou Itabuna e Ilhéus em duas etapas: dia 11 de maio no Varandas Grill (Inácio Tosta, 173) e dia 13 na Academia de Letras de Ilhéus. Eu coordenei e apresentei o evento, que teve di-

reção da atriz Eva Lima, e se propôs primeiramente a ser uma introdução ao resgate da poética local, buscando em várias vertentes os exemplos mais precisos da poética grapiúna. Com poetas homenageados na jornada, como Valdelice Pinheiro ("Pacto"), Jorge de Souza Araújo ("O Beco dos homens"),

Ruy do Carmo Póvoas ("VersoReverso"), Telmo Padilha, Flor Portela, Kleber Torres ("Objeto Direto"), Firmino Rocha, Sosígenes Costa, Neuzamaria Kerner ("Fragmentos de Cristal"), Ana Virgínia Santiago ("As Arestas do Impossível") e Janete Badaró ("Máscaras da Procissão"), o evento ganhou também relevância pelo que esses nomes representam para a história contemporânea da poesia baiana. Afinal de contas, tão antiga quanto a própria civilização grapiúna, a poesia do Sul da Bahia tem atravessado as décadas tomada ora como subproduto cultural, muitas vezes clandestino, ora como gênero que desperta reverência, pródiga em manifestações líricas de uma cultura que valoriza o poder, a exuberância e a sensualidade. Tudo isso também pode ser encontrado na nossa poética. O importante é não esquecê-la, apresentá-la aos leitores mais jovens como material de primeira qualidade.

Há um Sul da Bahia de outras eras, que fala pelos versos de um José Bastos; pela lírica preciosa de um Sosígenes Costa, que imaginou uma mítica história de sua terra e sua gente e misturou nesse enredo os deuses do Olimpo e mitologia indígena. Há o Sul da Bahia de Elvira Foepfel ("Chão e Poesia"), Abel Pereira ("Colheita"), fundador e primeiro presidente da Academia de Letras de Ilhéus; Florivaldo Mattos ("Mares Acontecidos"), Jorge Emílio Medaur ("Chuva sobre a tua Semente"), Ildásio Tavares ("O

Canto do Homem Cotidiano"), Cyro de Mattos ("Vinte Poemas do Rio"), Walker Luna. Há o Sul da Bahia da poética "underground" de Hélio Pitanga, Geraldo Maia ("O Chão do meu Destino"), Douglas de Almeida, Ramon Vane ("Pé no Chão e Flores de Verão") e Urânia Azeredo Bittencourt. E há um Sul da Bahia bem mais recente, muito mais jovem em matéria de versos, que ainda agora tenta domesticar a língua à sua maneira, às vezes na linguagem da vanguarda, às vezes em registros mais simples. Um Sul da Bahia que está aprendendo a escrever-se. Deste recorte de país e de novas intenções poéticas faz parte uma série de jovens grapiúnas: Ulisses Góes ("Flores do Caos"), Cristiano Maia, Elvio Magalhães, Jorge Alessandro, Fernando Guimarães, Sérgio Brandão, Joselito Reis, Zélia Possidônio, Waldir do Carmo. O encontro "Eu Assino Embaixo: A Poesia Grapiúna é Valiosa!", procurei lembrar os de ontem e os de hoje, mas os refletores estiveram voltados principalmente para nomes surgidos nas últimas duas décadas: Genny Xavier ("Poemas"), George Pellegrini, José Delmo, Ritinha Santana ("Tratado das Veias"), Gustavo Atallah Haum, Fernando Caldas, Jane Voisin Badaró ("Viagem no Escuro e outras Brincadeiras"), Bira Lima ("Almas e Linhas"), Lu Alves, Piligra, Daniela Galdino ("Vinte Poemas CaleiDorcópicos"), Iolanda Costa ("Poemas sem Nenhum Cuidado"), Gal Macuco e Heitor Brasileiro, poetas praticamente inéditos em livro.

Apoios ao evento

Com apoio cultural do jornal *abxz* – Caminho das Letras, produção de Ari Rodrigues, direção de Eva Lima, iluminação de Klebson Miranda, o alagoano José Inácio Vieira de Mello (autor de "A Terceira Romaria" e coordenador do projeto Poesia na Boca da Noite, em Salvador) e o carioca Gustavo Felicíssimo (editor do tablóide literário Sopa Poesia e Afins) como convidados especiais, o evento contou com a participação espontânea de inúmeros artistas, escritores, intelectuais e professores de literatura: Antonio Lopes ("Estória de Facão e Chuva"), Antonio Nunes ("Vida Louca"), Sybele Gava, Maria Luiza Heine ("Ilhéus e Outras Crônicas"), Naynara Tavares, Jan Costa, Jabes Ribeiro, Marcelo Ganem, Adylson Machado

("Amendoeiras de Outono"), Jaffet Ornellas, Elaine Bela Vista, Agenor Gasparetto ("Regressantes"), Euzner e Lurdinha Telles, Ícaro, Antonio Bispo, Neguinho, Eduardo Britto e equipe, entre outros, procurando abrir espaço para uma nova era de saraus, encontros literários e publicações sul-baianas. Afinal falar de poesia é falar da própria humanidade. Na antiguidade, ela era o reflexo da condição humana que deveria ser lida, ouvida e observada como algo possível, necessário e inevitável. Nos tempos atuais, época de crack, violência e desilusão, é mais do que urgente levar a poesia para o cerne da representação e, portanto, para o centro da existência, abrindo caminhos para um mundo melhor, mais justo e lírico.

(*) Autor de "O Aprendiz do Amor" (1993) e "Suave é Coração Enamorado" (2006).

O seu futuro

ADM Geral
ADM/Gestão Ambiental
ADM/Marketing
Serviço Social
Jornalismo
Pedagogia

Vestibular: 01 de julho
Inscrições:
FacSul e Shopping Jequitibá



você escolhe

Ciências Contábeis
Ed. Física (licenciatura)
Ed. Física (bacharelado)
Farmácia
Fisioterapia
(Novo curso)

FacSul
(73) 3613-5813
Itabuna - Ba

Página dos Novos

A velha casa de farinha



Iheres, mães, tias, avós, faziam planos e se organizavam para o trabalho: descascar a mandioca, ralar, passar por uma peneira grossa para separar a massa de um outro produto a farinha de goma, da qual seriam feitos os “beijus”. Falar nos “beijus” era deixar-nos a todos salivando. A imagem dos “beijus” recheados com coco e açúcar nos deixava excitados. As crianças de todas as cores e tamanhos assumiam o compromisso de ajudar no que fosse possível. Às vésperas da farinhada, perdíamos o sono. Nenhuma imagem de lobisomem, de mula-sem-cabeça nos abalava. Éramos como um exército de homens, mulheres e crianças prontos para uma grande batalha: do trabalho, do prazer, da partilha e da solidariedade.

Enfim chegava o dia e mal tomávamos o café, o leite tirado direto do peito da vaca para os nossos canecos de alumínio. O coração batia forte em nosso peito. A alegria estava estampada nos rostos. Íamos todos para a casa de farinha.

Dia e noite e durante dois ou três dias, a casa de farinha era o coração da fazenda. Homens suados, corados pela cor brilhante do fogo de lenha, mexiam seus rodos sobre os fornos quentes para não deixar embolar a massa da farinha. Mulheres alegres, cantando ladainhas e cantos de romaria moldavam a branca massa da goma, descascavam e ralavam cocos e os misturavam com açúcar. E os nossos olhos de criança, depois da dança de roda, estavam atentos, fixos, presos nas mãos de mães, tias e avós, que moldavam os pequenos “beijus” e o assavam. O cheiro que exalavam mexia com o nosso apetite e com a nossa gulodice e apostávamos quem seria o primeiro a experimentar. Depois, ao final dos dois ou três dias, era hora de calcular, de pesar, de ensacar, dividir...

E essa é a parte que mais me marcou, a parte da divisão, da partilha. O coração da casa de farinha era generoso. O fruto do trabalho era dividido igualmente. Todos teriam farinha e “beijus” por muito tempo. Não me lembro de ter ouvido ou visto alguém reclamar. Lembro-me dos braços cansados, dos pés cheios de bolhas, dos olhos injetados, dos cabelos envelhecidos pelo pó da farinha. Recordo-me sobretudo do brilho dos olhos de cada um deles, homens, mulheres e crianças, porque a vida novamente tinha realizado o milagre da multiplicação e da partilha. Carrego no peito e na lembrança a velha casa de farinha, que me ensinou a ser solidária, participativa, generosa. Carrego na memória a imagem de todos aqueles homens, mulheres e crianças, que me ensinaram a juntar trabalho, vontades e sonhos para que o muito não ficasse em mãos de poucos, mas que fosse dividido por todos.

Já faz muito tempo. Era ainda a fase da infância, quase adolescência, mas me lembro muito bem. É como se os fatos estivessem se repetindo à minha frente: lugares, objetos, pessoas, cheiros, palavras, expectativas, gestos de alegria e de enlevo, num mundo ainda meio ingênuo e solidário, onde o significado da palavra fartura se desenrolava para um outro que se chama partilha, onde o politicamente correto era a divisão, nunca a acumulação.

Todas essas lembranças me levam à uma fazenda de cacau, com uma ampla sede, onde meu pai foi administrador por muitos anos e onde vivi os medos da infância, quando os monstros tinham aparências horríveis e estavam escondidos atrás de cada árvore, do capim alto, no curral, perto do rio, nas noites de lua cheia, nos raios rasgando os céus e nas cheias alagando tudo, fertilizando o solo para mais uma safra.

As chuvas na minha infância sempre tiveram um encanto especial. A magia das gotas fortes, do cheiro que provocavam em certos tipos de vegetação ou simplesmente no solo, sempre me despertaram um sentimento de esperança, de dias melhores e de um futuro amplo, pleno e feliz. Aliás, plenitude foi uma palavra que sempre me encantou. Via no mato, na produção de laranjas, jacas, limões, goiabas, jenipapos e mandiocas, um sinal de plenitude, um sinal de resposta da terra boa e generosa, que sempre gerava e estendia seus frutos como bênçãos para todos aqueles que estavam ao seu redor.

Daquele tempo em especial, lembro-me de quando, naquela fazenda, se fazia farinha de mandioca. Era uma semana agitada e que nos deixava a todos na expectativa do que viria depois. Os homens comentavam a qualidade da mandioca daquela safra o que, conseqüentemente, produziria uma farinha de boa qualidade. As mu-

Fico imaginando como seria o mundo se todos os homens carregassem no seu coração uma velha casa de farinha

Fico imaginando como seria o mundo se todos os homens carregassem no seu coração uma velha casa de farinha...

Célia Maria Souza Fonseca - Célia Fonseca, nasceu em Gongogi-Bahia. Graduada em Economia pela UESC. Atualmente, professora do ensino médio.

Cantando do Poema

Mãe*

A palavra está no ar...
No choto, na canção,
No encatamento
deste dia!

A palavra está no ar...
na lágrima, nas emoções,
na poesia
e no sentimento
de tantos corações!

A palavra está no ar...
no ar que respiramos,
na via que vivem os,
na festa que fazemos
para quem tanto amamos!

Sim, a palavra está no ar...
No rádio, na TV, nas promoções
das casas comerciais,
mas sobretudo na boca da criança
- nos lábios da esperança!
da juventude em flor,
da mocidade,
dos adultos também
-de todas as idades-
De quem não fala ainda
e de quem não fala mais!
como palavra infinda
balbuciada em tom matinal
e sonorizada
até o entardecer da vida
como algo perenal
que não se vai,
que nunca passa
tão pequenina
e tão cheia de graça!

A palavra está no ar...
- Quem não sabe?-
Mamãe... Mãezinha... Mão.
ontem e hoje,

amanhã e depois eternamente... sempre aqui e agora a toda hora como ninguém supõe o nome eleito, o mais perfeito é sempre mãe. Porque parece com Deus gerando vida porque é de luz como Jesus é de alegria, como Maria! Mãe - é demais pra ser um nome assim tão pequenino e, ao mesmo tempo, sem fim e por isso divino Mãe, hoje pra variar Deixa-me, só uma vez! Te abençoar!

GIRASSOL

*Poema declamado no Evento Literário Arte da poesia grapiúna em homenagem ao Dia das Mães.



Lucas Barreto Silva - 7 anos
Texto integrante do projeto *Aí... eu escrevi!!! XV* da Escola Curumim - aluno do curso de alfabetização

Receita da felicidade

Ingredientes:

- 1 colher de amor
- 1 xícara de felicidade
- 1 xícara de dinheiro
- 2 colheres de viagem
- 1 xícara de música
- 1 xícara de vídeo-game
- 1 xícara de televisão
- 1 xícara de jogar bola

Modo de fazer: misture o amor com os outros ingredientes e bom apetite!



Página dos Novos

A Orelha de Obá: a força do mito nagô

O mito é o relato de uma história que nos remete aos tempos primordiais, quando, através da intervenção de seres sobrenaturais (Deuses, semideuses...) algo passou a existir: Uma espécie animal ou vegetal, um rio, uma montanha e até determinados comportamentos humanos.

Muitas vezes se atribui à palavra mito a conotação de mentira, fantasia, considerando-se o conteúdo ficcional das narrativas pelas quais ele se expressa. Muitos mitólogos, no entanto acreditam que, longe de ser uma mentira, uma ilusão, os mitos expressam um conhecimento acerca do real. Com a criação dos mitos o homem de-

monstrou sua habilidade em perceber e interpretar o mundo através de uma representação simbólica, transmitida de geração a geração. Mito é, por conseguinte a "palavra revelada" pela qual o ser humano procurou compreender e explicar o mundo e a si mesmo, como, aliás, sustenta a própria etimologia da palavra.

Entre os africanos, principalmente o povo nagô, os mitos e outras histórias eram chamados de itans. A princípio, os itans compuseram o sistema nagô de consulta às divindades que funcionava mais ou menos da seguinte forma: a pessoa que precisava de orientação consultava o babalaô, este por sua

vez comunicava-se com os seres divinos usando um instrumento chamado Opelé Ifá. Orumilá Baba Ifá, o Orixá do destino, respondia então mostrando o caminho que deveria ser seguido pela pessoa que precisava de ajuda. A resposta era dada através de histórias, os itans, que representavam a fala do santo (a palavra revelada) e deveriam ser interpretadas pelo babalaô.

Os negros que vieram ao Brasil como escravos trouxeram em sua bagagem cultural essas histórias ricas em sabedoria, lirismo e simplicidade. Aqui essas histórias poderiam ter desaparecido em função do sistema de escravidão brasileiro que não reconhecia o valor da cultura afro. No entanto, os itans não deixaram de ser contados. É claro que não mais como resposta às dú-

vidas de alguém que consultava o Ifá, mas como uma história, exemplo destinado a ensinar a vida, a convivência sadia e harmoniosa entre os homens.

Com o passar do tempo, a força telúrica desses contos ultrapassou os limites da senzala e pouco a pouco chegou ao quarto de dormi da casa grande, onde os itans passaram a ser contados pelos cativos para entreter os filhos dos senhores. Dessa forma, os negros conseguiram preservar os valores fundamentais de sua cultura, pois, através dos itans os mais velhos transmitiam aos mais novos seus ensinamentos, princípios éticos, morais, religiosos e também seus costumes.

Sílvia Smith – professora de Língua Portuguesa e atriz integrante do Grupo de Teatro Vozes.

"Muitas vezes se atribui à palavra mito a conotação de mentira, fantasia, considerando-se o conteúdo ficcional das narrativas pelas quais ele se expressa".

Lucas de Araújo Oliveira – 6 anos

Texto integrante do projeto *Al... eu escrevi!!!* XV da Escola Curumim – aluno do curso de alfabetização.

As letras e seus namorados

Em um belo dia de verão as letras foram para a praia. Lá encontraram outras letras e resolveram namorar.

Elas passearam no parque de diversões, no shopping e descobriram que quando se juntavam para namorar formavam palavras. É, as palavras podem estar em todo lugar.



Caricatura do mês

Jorge Araujo, autor dos Livros: Araumavez, Letra, leitor, leituras: reflexões, Os becos dos homens, sendo esse incluso no vestibular da UESC, editados pela Via Litterarum.



Cantindo do Poema

Água

Que dá vida a mim, a você e a toda a nação
Não esquecendo da fauna
Flora e a plantação
Água que é cristalina
Cheiro ela não tem
Ela é tão boa que chega faz bem.

Se não existisse água
Como viveria a nação?
Com sede, fome e muita preocupação
Mas as pessoas tinham que ter
Consciência e não poluir
E se preservar, para sempre irá existir.

O amazonas secando...
Será que queremos
Que todo o Brasil fique assim?
Se a água não voltar
Como as pessoas dessa região vão ficar?

Para concluir, eu vou repetir
Vamos ter consciência e não poluir
Vamos dar as mãos
E fazer uma grande corrente de união

Aí vai o último recado:
Preserve a água!
Você não faz isso só por você
Faz por mim, por você e por toda a nação
Não esquecendo da fauna
Flora e da plantação.

Naiara Sanos e Joiclele Silva – 14 anos
Texto integrante do Jornal Estudantil Conexão Salobrinho - Escola Municipal do Salobrinho (Ilhéus – BA), coordenado pelo professor de Língua Portuguesa: Genivaldo Guimarães.

Na poeira do tropel: poesia e verdade em Gustavo Felicíssimo

*Por Miguel Carneiro

Poesia é a memória dos deuses em cujo diapasão ressoa o som de trombetas, sopradas por anjos, numa melodia divina para acordar os homens da letargia do inominável. Poesia é sopro, voz do mistério que eclode no deserto das horas. Poetas são coxos de lembranças nomeando mundos imaginários, adormecidos no limbo do "eu" coletivo. Ninguém escolhe a poesia, é a poesia que escolhe o poeta. Zanzador de mundos, trilhas gastas na miragem do olhar, o poeta Gustavo Felicíssimo (Marília, SP, 1971), vem fazer da "art poétique" não a megera, a madrasta, mas a própria irmã de pelejas e recitais.

Tom de voz sempre alto, como se estivesse o tempo todo a declamar, Felicíssimo surgiu no cenário literário da província de São Salvador da Bahia de Todos os Santos e inevitáveis demônios há cerca de três anos, com identidade própria no labor do ofício poético. "Batalhão de Estranhos", esse seu primeiro livro ainda no prelo, emerge como um canto de adjutório de homens, num mutirão de voz ibérica, clamando afinado numa pauta de claves toantes, transpassada num uníssono de universalidade e com toda a singeleza do versejar nordestino, praticado por gente como Minelvino, Jotacê Freitas, Machado Nordestino, Ascenso Ferreira, Maria da Conceição Paranhos, Damário da Cruz, Henrique Wagner, Geraldo Maia e tantos outros.

Vem de fundo, povoando o imaginário desse bardo tupiniquim, tangedor de alegorias. Para começo de conversa, Felicíssimo, chicoteia de peia de caruá, sem pedir arrego aos cânones: "Poetas não seguem manuais". Breve aviso ao leitor incauto, acostumado a fórmulas e tratados aristotélicos e academicistas. O poeta desvela-se num testemunho: "Sou parte da humanidade que se perdeu / Carne carcomida que não se reconhece / Por isso tantas cruces em meu cacuá" ("Auto-Retrato", pág. 7). Vem, esse moço, andarilho de trecho, enunciando verdades numa época em que há rebanhos de poetas de pêlo pesteados, de mão na bunda da mídia descartável que garante apenas cinco mi-

nutos de fama e poder. O poeta paulista José Paulo Paes, conterrâneo de Felicíssimo, disse certa feita, em entrevista a Carlos Felipe Moisés: "*através da literatura aprendi a ser humilde, não no sentido de me rebaixar mas de não me sobrevalorizar. Isso me levou a ter uma grande aversão àquilo que se pode chamar de soberba intelectual, a mais danosa e a menos justificada das soberbas. O pecado capital da vida intelectual é a soberba. O vedetismo, a autopromoção, essa ânsia, essa avidez de fazer carreira está ligada à soberba intelectual. A pessoa se julga tão importante que quer, por todos os meios, ver-se reconhecida urbi et orbi*".

Gustavo Felicíssimo passa como uma chuva na terra de Jorge de Souza Araújo, Gasparetto e do saudoso epigramista Alberto Hoisel. Na rédea do tropel, numa montaria de ciganos, pisando em chãos brasileiros, cuja geografia se amalgama no terri-

tório do matulão. Passeia, viajante, revendo sem véu, no confessionário da memória, a alma de nossa gente. Só acredito na poesia que revela mundos, fotografando em grandes zooms a realidade do tempo em que se vive.

Toda poesia hermética, eivada de signos impenetráveis, a mim não interessa. Mas a poesia de Gustavo passa ao largo dessa demanda e tem a marca, mesmo inconsciente, de Dom Pedro Casaldáliga, Adelmo Oliveira e do esquecido Geir Campos, nos quais as questões sociais afloram como denúncia e testemunho. Nestes tempos de saraivadas burlescas, perpetradas por uma mídia tendenciosa, que a todo custo quer usurpar e tirar o mandato de um homem do povo, nordestino, por essa mesma gente coronelesca de currais estourados, os poetas não devem se calar diante dessa ameaça. Poesia é luta e compromisso, jamais omissão e recolhimento em seu próprio mundinho.

Desbravador de paisagens que se gravam na retina, sem pouso, alpercargas de rabicho, sola de couro de boi, curtumes de almas, delação infame no Cerco de Angico, madrugada da desgraça, 28 de abril de 1938. Em "Fugacidade Contemporânea", observa-se Damarinho da Cruz, na cola, sem nenhum desmerecimento. "Todo Risco" é antológico, fica perene na memória de qualquer poeta baiano. Faz parte, se beija a frente de Da Cruz, bardo

cachoeirano, dando linha, empinando arraias, botando a poesia baiana na América Latina. Damário, também, corre trecho, visita países, irmana irmãos.

"Velas içadas / Meu barco pode partir!" Felicíssimo nos envolve numa poética de naufragos: "Às vezes a viagem é longa; / ele se demora. / Namora o tempo e o mar, ..." Já, se disse que, na caatinga, quem marca a viagem é o boi, o gado, nunca o homem. Não há pressa. E Gustavo, sem alarde, para se aparecer, vem construindo, aos poucos, na manparração dos dias, uma poesia vigorosa, onde "livre da hipocrisia dos canalhas / Não te arrancas de dentro de ti / Instinto que sobrevive ao instinto". Breve, breve como a chuva que bate no Sertão, "Batalhão de Estranhos" será publicado, se inscreverá na poesia verdadeira que se produz na Bahia, terra de tantos poetas como Wladimir Saldanha e Mauro Mendes. Que seja, então, logo a edição desse livro de poesia de Gustavo Felicíssimo, meu amigo, editado, para compor num concerto não de quinze vozes, mas de duas mil. Gustavo faz poesia, indiferente a essa gente canalha, de versos torpes e secundários, um se escorando no outro – versos que não ficarão na história da poesia baiana.

...na caatinga, quem
marca a viagem é o boi,
o gado, nunca o homem.
Não há pressa.

RADIOGRAFIA

"É para você que escrevo, hipócrita"
Ana C

Eu não vi Chico Landi correr
Nem o homem pisar na lua
Candeia sambou em cadeira de roda
Mas isso eu também não vi
Eu não vi os socos no ar de Pelé
Nem o vôo de Castilho
Eu não vi Lupicínio cantar Vingança
Nem João desafinando
Eu não vi os POETAS NA PRAÇA
Ou Geraldo Maia recitando
Geração de Março
Charles Chaplin no Grande Ditador eu não vi
Nem Glauber, Deus e o Diabo
Eu não estava aqui
Eu não estava nem aí...

*Miguel Carneiro é poeta, ficcionista e cineasta.

Antonio Naud Júnior

A Rainha Serpente



Antonio Junior, com o prêmio Nobel JOSÉ SARAMAGO, em Lisboa, na Feira do Livro, 1998;

No trem, o soldadinho sonha com rios e árvores nascidas nos rios; e com vultos de árvores líquidas. Abraça tal infinidade aquática sem fazer qualquer barulho, acatando o cenário de infinita harmonia, de vento cálido.

Para além do horizonte, há formosas árvores douradas, e assim é o seu sonho. Um delírio lento, cintilante, de simbologia viva. O que fazer com tal imagem como filme com princípio, meio e fim? Como interpretá-la? Deixa-se levar: cidades não existem ou talvez nunca tenham existido, portanto a violência é uma ilusão. Adolescente ainda, ou jovem rapaz, agradavelmente percebe que pode caminhar, sem afundar-se, sobre as águas do rio de êxtase; dá piruetas e avança reto, deixando fios geométricos feito pato. O rio transparente, de águas lípidas, não se vendo uma rocha, um peixe, uma ave, um inseto qualquer. Um vasto universo de água só para ele e sua felicidade juvenil, compartilhada apenas por distantes árvores de folhas de um amarelo dourado. Com desenvoltura, uma delas caminha em sua direção, rasgando águas como trilha de um caminho de

Melhor adormecer e sonhar outra vez, um sonho dentro do sonho.

chão. Ele não duvida em esperá-la. Com um misto de respeito e satisfação, segue o movimento dos galhos, a delicadeza das folhas ao vento, a elegância de luminosidade própria. Então, a árvore fala:

– Era o que faltava para a sua vida – e desata a rir. Um riso sem boca, uma alegria que salta por todos os poros.

Observa-a, entregando-se com prazer à agradável sensação. Sentindo o calor da calorosa presença, dá algumas voltinhas na água, tocando o tronco, e afirma, sem nem mesmo saber o que está dizendo:

– Árvores não falam.

– Tem razão. Não é que me agrade falar, mas neste sonho é preciso.

Pensa numa resposta à altura. Qual será a lógica? O que representará essa aventura ao despertar? Como será sua relação com as árvores de agora em diante? Começará a falar com elas, sendo visto como doido de pedra? Cerra os olhos, e ao abri-los, surpreende-se com a exuberante dama de vermelho, cheirando a gardênia e suspensa no ar. As maçãs do rosto, fortes, coradas; a boca

de um carmim-vivo e um corpo garboso inspirado na Primavera. Animado por um incontornável bem-estar, ouve-a:

– Este é o meu reino. Estou agradecida pela visita.

Dito isso sem mexer os lábios, a rainha rodopia, numa dança que sopra o vento em rajadas fortes, perfumando o ar com o efeito de mil gardênia, até parar outra vez na mesma posição. Assim, serena, ela estende as mãos, convidando-o inocentemente a dançar. É uma rainha aparentemente poderosa e solitária. Já que nem mesmo tem com quem dançar, espera o sono dos sensíveis para fisgar um acompanhante que complete a sua arte, deduz. Ele não sabe se já dançou alguma vez na vida ou nos sonhos. Parece que não. Entretanto está disposto a satisfazê-la. Será uma honra. Ergue a cabeça, e ao levantar os braços, estanca ao vê-la serpente enrolada no corpo feminino, febril e perigosa, rastejando na carne úmida. Salta para trás, afastando-se do réptil de expressão perversa.

– Tem medo? – interroga a própria cobra num tom amigável. Ele percebe que o bicho peçonhento é a voz da rainha, a alma da rainha, a verdadeira rainha do paraíso e a bela mulher apenas

um animalzinho de estimação, uma escrava da luxúria venenosa.

Cala-se, sem saber o que dizer, trêmulo. Uma chama sedutora salta dos minúsculos olhos do animal, incentivando todos os prazeres. Isso dura, o que parece, uns poucos minutos, e o moço foge, aterrorizado. A paz abandona-o, deixando-se invadir por uma profunda angústia. Não mais consegue andar nas águas, tampouco nadar, e pouco a pouco afoga-se. Chora, desesperado. Quase aceitando a derrota, renova-se ao mirar margens no rio, antes ocultas, e árvores na terra, verdes e imóveis, e pássaros cortando os céus. Para onde foi a árvore dourada? E a beleza dos sentimentos dela? Joga-se na areia, cansado do esforço. Nada faz qualquer sentido. Tudo parece desvanecer, empalidecer. Melhor adormecer e sonhar outra vez, um sonho dentro do sonho. Sonhar desta vez com o cotidiano urbano e o aspecto arriscado dos dias e das noites. Nas areias beirando um rio murmurante, adormece com essa determinação. E realmente sonha um sonho dentro do sonho.

Fragmento do livro "Homem sem Caminho" (2006, inédito)

Alzheimer O Mal do Século

Por Roberto Goldkorn - psicólogo e escritor.

Meu pai está com Alzheimer. Logo ele que durante toda a vida, se dizia "o infalível". Logo ele, que um dia ao tentar me ensinar matemática, disse que as minhas orelhas eram tão grandes que batiam no teto. Logo ele que repetiu, ao longo desses 54 anos de convivência, o nome do músculo do pescoço que aprendeu quando tinha treze anos e que nunca mais esqueceu: esternocleidomastoídeo.

O diagnóstico médico ainda não é conclusivo, mas para mim, basta saber que ele esquece o meu nome, mal anda, toma os líquidos de canudinho, não consegue terminar uma frase, nem controla mais suas funções fisiológicas, e tem os famosos delírios paranóides comuns nas demências tipo Alzheimer.

Aliás, fico até mais tranqüilo diante do "eu não sei ao certo" dos médicos, prefiro isso ao "estou absolutamente certo de que...", frase que me dá arrepios.

Há trinta anos, não ouvia sequer uma menção a essa doença maldita. Hoje, precisaria ter o triplo de dedos nas mãos para contar os casos relatados por amigos e clientes em suas famílias.

O que está acontecendo? Estamos diante de um surto de Alzheimer? Finalmente nossos hábitos de vida "moderna" estão enviando a conta?

O que os pesquisadores sabem de verdade sobre a doença? Qual é o lado oculto dessa manifestação tão dolorosa?

Lendo o material disponível, chega-se a uma conclusão, essa é uma doença extremamente complexa, camaleônica de muitas faces e ainda carregada de mistérios.

Sabe-se por exemplo, que há um componente genético, por outro lado, o Dr.

William Grant, fez uma pesquisa que complicou um pouco as coisas. Ele comparou a incidência da doença, em descendentes de japoneses e de africanos que vivem nos EUA, com japoneses e nigerianos, que ainda vivem em seus respectivos países. Ele encontrou uma incidência da doença da ordem de 4,1 para os descendentes de japoneses que vivem na América, contra apenas 1,8 de japoneses do Japão.

Os afro-americanos vão mais longe: 6,2 desenvolvem a doença, enquanto apenas 1,4 dos nigerianos é atingido por ela. Hábitos alimentares? Stress das pressões do 1º Mundo? Mas o Japão não é 1º Mundo? Não tem stress? A alimentação parece ser sem dúvida um elo nessa corrente, e mais ainda o alumínio. Segundo algumas pesquisas, a incidência de alumínio encontrada nos cérebros de portadores da doença, é assustadoramente alta. Pesquisas feitas na Austrália e em alguns países da Europa, mostraram que ratos alimentados com uma dieta rica em sulfato de alumínio, (comumente colocado na água potável para matar bactérias), danificou os cérebros dos roedores, de forma muito similar às causadas nos humanos pelo Alzheimer. Pesquisas do Dr. Joseph Sobel, da Universidade da Califórnia do Sul, mostraram, que a incidência da doença é três vezes maior em pessoas expostas à radiação elétrica (trabalhadores que ficavam próximos a redes de alta tensão ou a máquinas elétricas). Mas não par am por aí as pesquisas, que apontam a arma em todas as direções. Porém, a que mais me chocou, e motivou a fazer minhas próprias elucbrações foi o estudo das freiras. Esse estudo citado no livro A Saúde do Cérebro,

Dr. Robert Goldman, Ed. Campus, foi feito pelo Dr. Snowdon, da Universidade de Kentucky.

Eles estudaram 700 freiras do convento de Notre Dame. Na verdade, eles leram e analisaram as redações autobiográficas, que cada freira era obrigada a escrever logo ao entrar na ordem. Isso ocorria quando elas tinham em média 20 anos. Essas freiras (um dos grupos mais homogêneos possíveis, o que reduz muito as variáveis que deveriam ser controladas), foram examinadas regularmente e seus cérebros investigados após sua morte.

O que se constatou foi surpreendente. As que melhor se saíram, nos testes cognitivos, e nas redações, em termos de clareza de raciocínio, objetividade, vocabulário, capacidade de expressar suas idéias; mesmo apresentando os acidentes neurológicos típicos do Alzheimer (placas e massas fibrosas de tecido morto) não desenvolveram a demência característica da doença. Ou seja, elas tinham as mesmas seqüelas que as outras freiras com Alzheimer diagnosticado, (e que tiveram baixos escores em testes cognitivos e na redação), mas não os sintomas clássicos, como os do meu pai.

A minha interpretação de tudo isso: Não temos muito como controlar todos os fatores, de risco apontados como vilões, alimentação, pressão alta, contaminação ambiental, stress, e a genética (por enquanto). Mas podemos colocar o nosso cérebro para trabalhar. Como? Lendo muito, escrevendo, buscando a clareza das idéias, cirando novos circui-

Da circulação livre pela Internet para o nosso jornal. Um texto sobre um mal que vem assombrando nossa geração e a importância da atividade mental, especialmente a leitura, como estratégia de saúde.

tos neurais, que venham a substituir os afetados pela idade e pela vida "bandida".

Meu conselho: não sejam infalíveis como o meu pobre pai, não cheguem ao topo nunca, pois dali, só há um caminho: descer. Inventem novos desafios, façam palavras cruzadas, forcem a memória, não só com drogas (não nego a sua eficácia principalmente as nootrópicas), mas correndo atrás dos vazios e lapsos. Eu não sossego enquanto não lembro do nome de algum velho conhecido, ou de uma localidade onde estive há trinta anos. Leiam e se empenhem em entender o que está escrito, e aprendam outra língua, mesmo aos sessenta anos. Não existem estudos, provando que o Alzheimer é a moléstia preferida dos arrogantes, autoritários e auto-suficientes, mas a minha experiência mostra que pode haver alguma coisa nesse mato. Coloquem a palavra FELICIDADE no topo da sua lista de prioridades de cada 10 doentes, nunca ligaram para essas "bobagens" e viveram vidas mediocres e infelizes. (muitos nem mesmo tinham consciência disso). Mantenha-se interessado no mundo, nas pessoas, no futuro. Invente novas receitas, experimente (não gosta de ir para a cozinha? Hum...preocupante).

Lute, lute sempre, por uma causa, por um ideal, pela felicidade. Parodiando Maiakovski "melhor morrer de vodka do que de tédio"), digo: melhor morrer lutando o bom combate, que ter a personalidade roubada pelo Alzheimer. Vamos nos cuidar...

Conhecendo nossos autores

por Jorge de Souza Araújo

Luiz Gama

Em 1859, **Luiz Gama** (1830-1882) publicava em São Paulo suas *Trovas burlescas*, livro que despejou, como uma bomba, confusão de arruados no meio social escravista e cujos estilhaços ainda hoje se podem notar, particularmente em poemas de espantosa atualidade. Tendo um perfil de quase-mártir, (filho da negra malê Luiza Mahin e de um fidalgo português, herdeiro perdulário que o vende como escravo), Luiz Gama irá da Bahia para São Paulo ainda menino trabalhar em fazenda de café de um rico capitão do mato, lá aprendendo a ler, escrever e contar. Foge para servir à Força Pública de São Paulo de 1848 a 1854, quando responde a um superior e é desligado da vida militar quase compulsória.

Autodidata, estudou Direito na experiência prática e nos livros que adquiria, uma vez impossível sua entrada na Faculdade do Largo de São Francisco em razão da carência de estudos regulares de nível médio. Ficaram famosos, no entanto, seus processos para libertar escravos. De 1850 a 1860 notabiliza-se pela intensa campanha abolicionista por meio da imprensa e em conferências no Clube Radical Paulistano, militante com Raul Pompéia, Lúcio de Mendonça, Valentim Magalhães e Silva Jardim. Foi redator do periódico humorístico *O Polichinelo*, tendo publicado versos satíricos com os pseudônimos *Afro* e *Barrabás*. Não chegou a viver a Abolição, pela qual tanto se empenhou.

Uma segunda edição do livro polêmico, agora com o título de *Novas trovas burlescas*, circularia em 1861, conferindo a Gama um lugar destacado no elenco de nossos epigramistas mais notáveis, cuja estirpe, na literatura brasileira, tem em Gregório de Matos uma indisputada primazia e excelências na linguagem da burla e da sátira. Criticando costumes sociais, políticos, religiosos, administrativos e do preconceito étnico, a pena de Luiz Gama terá sua legitimidade reconhecida como eficiente, além de aclamada e veraz.

Nem tudo, porém, seria sátira social no livro do bardo inconformado. Há bons momentos de boa lírica que bem poderia frequentar seletas menos elitistas, a despeito da exclusão de seu nome pretendida por figuras de estudiosos como Agripino Grieco, por exemplo. Mas o principal das *Trovas* e provavelmente o peso ideológico mais caro a Luiz Gama é mesmo o teor sar-

dônico que investe sobre desvios éticos da política social do Segundo Reinado, no âmbito horaciano do *castigat ridendo mores*. É uma evidente manifestação de panfletarismo ideológico em verso, cujo valor poético não se descarta e que ainda hoje não se desviriliza, em virtude das novas formas de opressão escravagista que as novas elites submetem o povo liberto-cativo nestes milênios.

Demos voz ao Homero da negritude. Sua concepção de literariedade é mimética do papel que enxerga na atitude do poema-panfleto:

**O que estou vendo
Vou descrevendo.
Se de um quadrado
Fizer um ovo
Nisso dou provas
De escritor novo.**

O tosco da apresentação não disfarça o objeto crítico a que se propõe o cantor. Os versos denunciavam uma certa clareza de que os instrumentos de que dispõe o poeta não pertencem a uma estética branca, qualificada no conformismo de uma situação humana e social que repugna, mas a que poucos pretendem se opor. *São rimas de tarelo, atropeladas, / Sem metro, sem cadência e sem bitola*. Claro que o fingimento poemático dissimula uma pretensão — de ausência de domínio técnico. São rigorosamente decassílabos, dispostos em ordem convencional. Mas não da convenção aristocrática, que faça do uso do verso uma reiteração simplista do conformismo paralisador, *mas filhas de um bestunto que não rende / Torpe lisonja às almas fementidas*.

Trovas burlescas vão passar em revista todos os maus atributos dos motivos satirizados, enquanto os poemas aí não enquadráveis pertencem ao lirismo romântico ao qual o poeta, idealista, se alia com desenvoltura e entusiasmo sincero. No primeiro caso, seguindo as pegadas de Gregório de Matos satirizando a principal metonímia do governador da Bahia com quem se dispunha, o poema de Luiz Gama "A um nariz", composto em quadras (3 primeiros versos em 4 sílabas, o último, decassilábico), vai espezinhar algum desafeto poderoso com verve gregoriana: *De quanto fiz / Não se enraiveça; / Não enrubesça. / Que p'ra dar e vender sobra nariz*.

Fiel ao espírito corrente no

Roman-tismo, o uso das epígrafes como elemento

de animação do poema é também freqüente em Gama, pela maior parte com versos do comediógrafo Faustino Xavier de Novaes, natural do Porto, autor de *Inês da Horta*, que transmigrou-se com irmãos para o Brasil e cuja irmã, Carolina, veio a ser a dedicada companheira de Machado de Assis. "Coleirinho" traz epígrafe de Tibulo, poeta latino. O soneto "Retrato" é puro Gregório, atualizando a lira maldizente ao tempo e problema de Luiz Gama. Fogoso rábula estudioso do Direito, Gama cita o jurista espanhol Covarruvias (sic = Cobarrúbias) no poema "A uns colarinhos", certamente vingando-se dos elitistas e engomados que não lhe permitiram frequentar a faculdade do Largo de São Francisco. No poema "Os glutões", a epígrafe é extraída de um soneto de Nicolau Tolentino. Cita Caravágio (sic), assim, como Cobarrúbias, assenhoreando-se dos nomes para a língua portuguesa pela acentuação gráfica. O excelente "Farmacopéia" confirma o gênio satírico de Luiz Gama para além do ressentimento epidérmico. A denúncia ultrapassa o tempo do poema e "Os glutões" rasura os senhores feudais da política, cujos atributos maiores são bem nossos conhecidos:

**Prestante pai da pátria – homem de peso
Entre rato e baleia – acachapado
Morde aqui, rói ali, lambe acolá
Mete dentro do bucho o Corcovado
(p. 101)**

Sem nos esquecermos que Gama escreve em pleno apogeu do estilo romântico, o poeta das *Trovas burlescas* experimenta a fina delicadeza da lírica com a sensibilidade de um Casimiro de Abreu. Seu excelentíssimo "A Borboleta" ombreia com qualquer lírico romântico e é urgente inscrevê-lo numa antologia desse estilo de época. Também excelente é "Laura", agora sob a órbita diccional da lírica a la Fagundes Varela. Claro que o lírico vem seguido imediatamente do teor epigramático, como se o poeta tivesse urgência do desmascaramento que iria perpetrar e cometesse a lírica como um deslize de sua poeção fundamental, do espírito de missão a que parecem circunscrever-se as

Tendo um perfil de quase-mártir, (filho da negra malê Luiza Mahin e de um fidalgo português, herdeiro perdulário que o vende como escravo), Luiz Gama irá da Bahia para São Paulo ainda menino trabalhar em fazenda de café de um rico capitão do mato, lá aprendendo a ler, escrever e contar.

Trovas. O espírito do vate permeia este tom de amargura de resposta ao preconceito

e ao escravismo. Na indagação *Que mundo é este?* a mescla da riqueza sintagmática, povoando de objetos agregados ao veio poético um *descolorido de outros traços*.

O mais famoso estilete satírico de Luiz Gama é, sem dúvida, o poema "Quem sou eu?", conhecido até hoje como "A bodarrada", que traz epígrafe de A. E. Zaluar, autor de *Dores e flores*. A tradição epigramista ganha integral correspondência entre estilo, tema e linguagem. Começa como quem sabe que investe no incômodo alheio: *Eu bem sei que sou qual Grilo / De maçante e mau estilo*. Sem perder o tônus crítico, a inteligência textual do poema democratiza o suposto *bodum* atribuível ao negro, expandindo tal notação censória a aristocratas e burgueses, realeza e escravaria, ricos, pobres, índios e arrematando com o flagelo do sarcasmo a equivalência do cheiro extensiva a todas as classes e categorias: *Cesse pois a matina / Porque tudo é bodarrada*.

O sátiro, da escola dos moralistas clássicos, nada perdoa e a todos alcança. No poema "O Barão da Borracheira", Luiz Gama satiriza a aristocracia *arranjada*, insípida, endinheirada, glutona e nobre por conveniência. Vale também o poema por seu *passeio* por lugares do Rio, a Corte de então, com a citação de vitrines de livraria, livros sortidos a *metro*, em que predominam autores não desconhecidos por Gama: Couvier, Buffon, Gulliver, Plínio, Colunella, Moraes, Fonseca, Barros, Portella, Lampadoza. O lirismo com dramaticidade, inspirado, claro, no tema da escravidão, tem signo de beleza extreme, com requintes da melhor poesia romântica, byroniana. "A cativa" traz epígrafe de Camões: *Nos olhos lhe mora / Uma graça viva / Para ser senhora / De quem é cativa*.

Gama também glosa Camões em peça satírica "Novo sortimento de gorras": *Picando picarei por toda a parte, / Se a tanto me ajudar ferrão e arte*. No "Retrato de um sabichão", como em "A um nariz", Luiz Gama segue trilhas de Gregório de Matos, na epígrafe e no desenvolvimento formal. Alternando sátira e lirismo, as *Trovas burlescas* representam perfilamento biográfico, político, ideológico e estético de seu autor. "Minha mãe" — epígrafe

e inspiração nítida de Junqueira Freire — tem impregnações literais de Casimiro na lira negro-escrava. Gama revela ter um irmão. Luísa Mahin teria participado da Sabina-da, da revolta malê na Bahia. Presa várias vezes, consta ter fugido para o Rio de Janeiro, de onde desapareceu. O poema de Gama enfeixa belos e comoventes versos, destaques mesmo da expressão lírica: *Brandinha, a voz sonora, / Sentida como a Rolinha, / Gemendo triste sozinha, / Ao som da aragem faceira (...)* *As lágrimas que brotavam / Eram pérolas sentidas, / Dos lindos olhos vertidas / Na terra do cativo* (p. 140-1).

"No cemitério de S. Benedito", epígrafe de Bernardo Guimarães, tons épicos e ritmo heróico em imagens e repertório vocabular dignos de perceber-se. Luiz Gama sabe usar as rimas emparelhadas e os outros recursos da poética clássica e correntes em seu tempo, o que vem desmentir a hipótese de inconsciência de seu ofício. Temperos camoneanos confirmam tal prática: *E se ferido ainda estou vivendo / É só para sentir que vou morrendo*. Em poema sobre a guerra do Paraguai, publicado no *Diabo Coxo* (6/8/1865), remissões de leitura indireta de Mirabeau. A musa negra é clara alusão irônica à *branquidão* clássica ou da tradição oitocentista: *Oh Musa de Guiné, cor de azeviche, (...)* *Empresta-me o cabaço d'urucungo, / Ensina-me a brandir tua marimba / Inspira-me a ciência da candimba / Às vias me conduz d'alta grandeza*. A substituição dos elementos é opositiva aos utilizados pela épica branca. *Urucungo, marimba, candimba* dizem respeito a outro ritual, o da herança africana, o da magia candomblezeira.

Gama invoca Camões e Homero, mas canta *obscuro poder da parvoíce*, levando a fama da *vil sandice* a todos os lugares, desejoso que o mundo o encarasse como *um retumbante Orfeu de Carapinha*. Sua poesia encara conceitos e práticas da poesia popular, de divulgação cordelista, desprezando o lirismo fácil dos corifeus do branqueamento. Ainda se faz

acompanhar do eterno Gregório:

Com sabença profusa irei cantando
Altos feitos da gente luminosa,
Que a trapaça movendo portentosa
À mente assombra e pasma a natureza!
Espertos eleitores de encomenda,
Deputados, Ministros, Senadores,
Calfarros Diplomatas – chuchadores,
De quem reza a cartilha da esperteza.

"Junto à estátua" abre com epígrafe de Camões. Luiz Gama pratica versos brancos, decassilábicos. É glosa de lirismo amoroso, com sobras para a comicidade: o poeta acorda de sonho beijando uma estátua de mulher na praça. Em "Sortimento de gorras", a glosa é satírica dos vícios e costumes do Brasil. O poeta não perdoa ninguém, nem a si mesmo, pois, afinal, *Não te espantes, ó leitor, da novidade, / Pois que tudo no Brasil é raridade*. O mote avassalador vai descarnando uma a uma das mazelas do Brasil Império, alternando-se para variantes, todos para *vingar* pelo riso, pela desforra da inteligência, as imposturas, hipocrisias, o vale-tudo da política, economia e sociedade brasileiras.

No aspecto formal, Gama transita entre decassílabos, redondilhas, endecassílabos. Sua preocupação, todavia, é sempre de natureza temática e é possível encontrar um que outro desfalecimento métrico entre suas criações. O que resulta maior é mesmo seu concentrado poder de verberar angústias de seus irmãos de cor. No poema "No álbum do meu amigo J. da Silva Sobral" a auto-crítica tem a graça melancólica da auto-comiseração:

Ciências e
letras / Não
são para ti
/ Pretinho
da Costa /
Não é gente
aqui. Da melancolia salta

para o revide estridente, a revanche dissuasiva. Com o mote *E não pôde negar ser meu parente*, o soneto de Gama glosa os mulatos que querem se passar por brancos, escamoteando sua origem. Em "A pitada", ingênuo e delicioso ludismo com as propriedades democráticas do rapé.

Não deixa de ser surpreenden-

te o percurso dessas *Trovas burlescas*. "Meus amores" pertence à lírica negro-escrava, fundindo mitologia clássica ao arrebatamento passionais dos românticos, acrescida de um erotismo sensualista que rompe equilíbrios do racionalismo cristão ou cartesiano. Sob o pseudônimo de *Barrabás*, publica a deliciosa epístola-poema, datada de "São Paulo, 11 de dezembro de 1866", dirigida ao *Meu querido Gideão das Tramóias Cansação*. Em redondilha maior, "Epístola familiar" conta as novidades da cidade grande, a moda, os costumes, o perfil de seus moradores, as impressões e desejos do missivista, convocando enfim o destinatário a partilhar do *progresso*. O poema "Programa" traz epígrafe de Cândido Lusitano. É herói-cômico, com ironias certas e sutis à empáfia do mundo literário. Brinca sobre a necessidade de um prólogo para ajustar os motivos do assunto e, no entanto, não sai do prólogo: *Mas creio que provei, sem vos maçar, / Que um prólogo, por fim, tem seu lugar*.

Cioso dos protestos exteriores, Luiz Gama é discreto nos seus dramas familiares. Não divulga o nome do pai bastardo que o vendeu como escravo, para *livrar a sua memória de uma injúria dolorosa*. Abolicionista, a luta de Gama é contra os *salteadores da liberdade*. Caricaturista da elite dirigente e da aristocracia fraudulenta, funda e dirige jornais, defende negros, busca apoio em leituras diversificadas, de Jeremy Bentham a Horácio e Juvenal. Sua improvisação é fluxo de verve, uma espécie de *ninho de vespas feito verbo*, na frase dos irmãos Goncourt. Ao contrário do que pensam alguns, Gama tinha poder sugestivo na lírica e talento especial para a sátira potente, sem obscurecer outros tentamens estéticos. Epigramista acre, caricaturista de debuxos vezares, ao arrepio do carnaval *a la Rabelais* ou ao estilo Bocage de sentir, Gama está mais para um Ramalho Ortigão. Sua lavra espavosa inanições:

Ó tu, quadrada musa empavesada
Soberana rainha da papança

(...)

Vem a triste morada do trovista
Um canto lhe inspirar que cheire a bife...

(...)

Derrama nestas linhas desbotadas
O perfume odorante da lingüiça

Luiz Gama também lembra o Critilo das *Cartas chilenas*. Sua ressentida anti-lira do mundo brasileiro tinha muito do anti-louvor às teorias de Gobineau. Leitor de Molière, tinha lira irrequieta, arremessada como *marimba* contra os *confortáveis* da ordem. Quadrissílabos criticam a saia-balão, com seus ares de suplício da moda, alojando *curvadas molas / arcos de pipa, / cordas de tripa / e um rabeção // caixas de guerra / rouco zabumba, / que além retumba / como um trovão, / felpuda palha / para viveiros; / dois*

travesseiros / e um
trombão, de
onde sai um
gato assustado.

São 39 os poemas de *Trovas burlescas*, acrescidos de outro número na segunda edição, *Novas trovas burlescas*.

O mais famoso deles, *A bodarrada*, tem signo auditivo de vaia. A musa gaiata de um egresso do cativo, meganha, amanuense, rábula, jornalista e tribuno, abolicionista e republicano, Luiz Gama tem percurso de vencedor em todas as categorias de indivíduo que supera os limites do meio e afirma uma existencialidade rica de contornos. Uma anedota a ele atribuída ilustra bem este perfil de irrequieto esgrimista de idéias. Defendendo no júri um constituinte, Gama dirige-se ao conselheiro do Império Carneiro Leão:

— *Então o primo afirma que viu o que viu? O conselheiro: Quem é o primo? Gama: O senhor, naturalmente. O conselheiro: Mas primo de quem? Gama: Ora, meu, decerto! O já colérico conselheiro: Seu primo? Gama, com a maior naturalidade: Homessa! Sempre ouvi falar que bode e carneiro são parentes. E parentes chegados!*

Luiz Gama tem percurso de vencedor em todas as categorias de indivíduo que supera os limites do meio e afirma uma existencialidade rica de contornos.

TUDO DEZ
TUDO FMSUL



Dez
fmsul
102.1
1º Lugar em Audiência

www.fmsul.com.br

Da
Arca

Jorge Medauar

“O escritor brasileiro está jogado no lixo”

por Antonio Naud Júnior (*)

Jorge Emílio Medauar – Nasceu em Água Preta (hoje Uruçuca), em 3 de junho de 1918. Faleceu em 2003. Poeta, escritor, jornalista e publicitário em São Paulo, onde residiu longos anos, fundador, diretor e professor da Escola Superior de Propaganda e Marketing. Começou na literatura na poesia com *Chuva Sobre Tua Semente*. *Nasequência*, *Moradada Paz*, *Prelúdios*, *Noturnose Temas de Amor e Às Estrelas* e *aos Bicho*. Consagrou-se, contudo, na prosa, como contista, segundo Hélio Pólvora. Celebrizou-se com a trilogia *Água Preta*, *A Procissão* e *Os Porcos e O Incêndio*. Escreveu também *Estórias de Menino*. Uma de suas últimas obras foi *O Visgo da Terra*. A temática do cacau marcou sua ficção.

Escritor dos humildes e oprimidos, da memória e da solidão, da envergadura política-social e da veracidade, o grapiúna Jorge Medauar constitui um permanente alvo positivo para a crítica. Figura singular na literatura brasileira, o autor de “Jorge Medauar Conta Estórias de Água Preta” (1975), criou uma estética diretamente ligada ao mundo sul-baiano como também à sua própria natureza, sempre banhada por um grande sopro lírico. Isso acontece de tal forma que em poucos escritores é tão difícil dissociar a vida da obra, embora neste caso a primeira se projete na segunda de forma incomum e às vezes misteriosa, velando enigmas para o leitor.

Nos seus mais de 40 anos de literatura, o escritor nascido em Água Preta do Mocambo (hoje Uruçuca) e traduzido em vários países, publicou 15 livros, além de participar de cerca de 20 antologias. Jorge Emílio Medauar abriu caminho para uma frutífera geração de escritores da região cacauzeira, entre eles, Hélio Pólvora, Telmo Padilha, Florisvaldo Mattos, Sonia Coutinho e Cyro de Mattos. Publicou seu primeiro livro em 1945, “Chuva sobre tua Semente” (poemas), e o mais recente no ano passado, “Contos Encantados” (infantil). Aos 71 anos, casado com a ilheense Odet e com dois filhos, mora em São Paulo há várias décadas. Durante sua vida, teve “encontros frequentes de idéias”, como costuma dizer, com Graciliano Ramos, Jorge Amado, Cândido Portinari e Luís Carlos Prestes. Leitor assíduo, confessa a influência do russo Anton Tchekov e acredita que existem duas linhas mestras na literatura: a do escritor bem construído, sério com a linguagem, que não faz concessões, e a do que é justamente a outra face da moeda desta forma de atuar. Sobre a literatura de Medauar, escreveu Guimarães Rosa: “Há rigorosa autenticidade de campo, meio, cenário, há muita observação direta, documentando certo, sem atravancar. Tudo humano. Tudo arte, também. Medauar é mestre no unir os aspectos, as coisas. E, a língua, uma linha bem achada, padrão do melhor, gostosura. Acredite: o que digo, é o que acho”.

Para entrevistá-lo, esperei calmamente durante duas horas, tendo a sua biblioteca particular como cenário. Li algumas páginas de uma novela de Conrad, deslizei os dedos pelos teclados da velha Remington esverdeada e observei a adega com dezenas de vinhos importados (logo seria convidado para saborear uma taça de Porto). Ainda matando o tempo, abri um Medauar de 1949, “Morada de Paz”, lendo em voz alta: “Estes dias não me pertencem: passam / Sob a indiferença de meus olhos / Meus cabelos e minha boca, passam / Irremediavelmente passam”. Não é a toa que ele ganhou o prêmio de melhor autor nacional de origem árabe.

Suspirei, algo nervoso, sabendo que logo estaria diante de um dos grandes prosadores da moderna literatura brasileira.

Os escritores se queixam da falta de leitores. Alguns acusam a televisão de asfixiar a literatura. O senhor concorda?

Não. Já diziam algo parecido na época de ouro de Hollywood e o número de livros publicados só fez aumentar. A literatura continua viva, o que se tem reduzido é a boa literatura. Hoje é difícil encontrar um Machado de Assis ou um Graciliano Ramos. O escritor atual não se preocupa em cuidar da língua e de outros ingredientes proveitosos.

Esses “ingredientes proveitosos” determinam a qualidade do escritor?

Exatamente. Só assim ele será bom, dominando o seu ofício. O mesmo pode ser dito de um carpinteiro ou um jornalista.

Poderia citar alguns escritores que dominam o seu ofício?

Graciliano Ramos, José Lins do Rego, Marques Rabelo, Jorge de Lima e Monteiro Lobato são grandes nomes da literatura nacional.

O senhor segue algum método particular ao elaborar uma obra?

Sou um escritor impetuoso, não trabalho diariamente, só quando um tema me agarra, levando-me a escrever. Cito umas palavras que ouvi certa vez de Graciliano, “tem dias, quando termino um capítulo, em que sinto um verdadeiro orgasmo”. É o meu caso. O que faço é tentar compreender meus personagens. Coloco-me no lugar deles, quer seja um homem ou uma mulher. O que me interessa é viver por procuração o que esse personagem vive. Esqueço-me do que eu faria naquele lugar. Outra coisa, detesto revisar, corrigir.

Sua literatura prima pela autenticidade, palco de imagens e personagens incrivelmente realistas. Consegue esse resultado através de pesquisas ou a memória comanda o espetáculo?

Sou um memorialista, mas sempre volto às minhas bases para não perder o passado, afinal a memória caminha de mãos dadas com a fantasia. Percebo, inclusive, que há pessoas que se reconhecem nos meus livros, outros que não se reconhecem de todo. Dou uma visão do que lembro no meio de milhares de outras. É difícil falar do passado como se fosse imutável. Quando se pega num casal que tenha vivido uma história, e um dia há uma ruptura e se ouve um e outro, tem-se duas versões totalmente divergentes. É o próprio princípio da literatura, não há a verdade absoluta.

Por que nunca se interessou em escrever textos teatrais ou roteiros para cinema e televisão?

Fiz um texto teatral nos anos 60 chamado “A Bomba da Paz”. Está engavetado. Acredito que não tenho talento para esses veículos.

O seu talento está dividido entre a literatura, o jornalismo e a publicidade...

Trabalhei muitos anos como jornalista e publicitário. Agora estou aposentado. De vez em quando escrevo para o Estadão, a Folha de S. Paulo ou A Tarde, mas sem qualquer compromisso. O publicitário, vez ou outra, também faz um free-lancer. Mas a literatura sempre foi e continua sendo o meu interesse maior.

Mesmo admirado e com uma longa trajetória, nunca foi um escritor de best-sellers. Sofre por isso?

Nunca optei por esse caminho. O que determina um best-seller são certas concessões. Recentemente saiu um livro chamado “O Açougueiro” que pretende ser literatura e não é. Não passa de erotismo barato. É uma obra pronta para fazer parte da lista dos mais vendidos. O sucesso também é uma faca de dois gumes. Quando alguém tem sucesso, há uma dupla reação: por um lado, as pessoas querem abraçá-lo; por outro, querem sufocá-lo, destruí-lo. Os que escrevem não conseguem entender por que é que não são eles que se tornaram conhecidos, que tiveram sucesso. Pensam sempre que é por causa do outro, que lhes barrou o caminho.

O erótico seria a chave do sucesso comercial? É o que o leitor espera?

Entre outras coisas. O leitor espera prazer, satisfação e sair da leitura acrescentado de alguma coisa. Isso só acontece quando há um encontro íntimo entre autor e leitor.

Depois de tantos anos escrevendo histórias curtas, acredita que o conto tem uma legião de fiéis?

Constato que o conto vende muito mais hoje em dia. Nós vivemos numa época de velocidade, de falta de tempo, e o conto, por ser um romance curto, pode ser lido em poucos minutos. Ele está mais vivo do que nunca. Existem jovens escritores de talento que continuam acreditando nele. Você, por exemplo. Li atentamente e com prazer os seus contos “As Queridinhas” e “Diário de Loucura e Razão”, publicados no Cacau/Letras.

Fico honrado. E o mundo editorial contemporâneo? Ele merece aplausos?

Está brincando. Estou desencantado com o marketing e a mídia desse país. Dois ou três escritores são apoiados e acabouse. Falta entusiasmo pelo livro. O escritor brasileiro está jogado no lixo. O mercado editorial só se preocupa com literatura estrangeira. Isso sufoca o autor nacional, dá raiva, impõe certo complexo.

Os suplementos literários não apóiam o autor nacional?

Nem sempre. Mesmo assim são necessários até quando são ruins. Suple-

mentos têm sua validade. Até o da Folha de S. Paulo, por exemplo. Mas quem sabe um dia tomem outro rumo e descubram a literatura local.

Vive há muitos anos em São Paulo. Se sente um pouco desta metrópole?

Não sou paulistano, apesar de bastante adaptado a esta grande cidade. Continuo sendo de Água Preta e assim sempre será. São Paulo é uma loucura, uma cidade desgastante, que mata e envenena. Claro que existem compensações, principalmente na área artística, mas também somos obrigados a conviver com o crime, a poluição e a dor.

Pensa em voltar a viver na Bahia?

Gostaria de voltar a viver na cidade em que nasci. Mas quando penso nessa idéia, lembro de Adonias Filho dizendo que também não há sossego num lugar pequeno, afinal sempre somos reconhecidos e apontados por muita gente. Nos lugares pequenos o visível e o invisível, o permitido e proibido são mais evidentes. São sociedades que ligam muito às aparências, ao que as pessoas vão dizer.

Soube que esteve recentemente no Sul da Bahia. O que achou?

Mudou muito e toda mudança é sempre para melhor, embora tenha notado algumas coisas ruins, como os assaltos às fazendas de cacau. É, porém, sintoma da miséria generalizada. Esses assaltantes não têm emprego ou são mal pagos. São resultado da deformação das elites, que estão aidéticas, doentes, trabalhando para o fracasso dos modelos.

Propõe uma solução?

A única solução seria abandonar o capitalismo e partir para o socialismo. Os modelos de governo que tivemos até agora são falidos, não deu em nada. Saímos do feudalismo para a república e agora estamos indo pra onde? As coisas estão cada vez mais piores. Fala-se muito, mas a realidade está carregada de miséria, terrorismo, xenofobia e racismo. Infelizmente eu não vou saber o que acontecerá no futuro, mas deixo como espião da vida, como dizia o Mário de Andrade, o meu neto, você, os leitores. Vocês são responsáveis pelo que vier. É preciso vigiar com eficácia o resultado das eleições presidenciais. É preciso vigiar a vida, o cotidiano, as nossas ações.

Como é o cotidiano do escritor Jorge Medauar?

Sou um homem vulgar, comum mesmo. Quando estou com saudades da Bahia, triste, gosto de passear de ônibus ou de metrô sem nenhum destino em mente. Leio, escrevo quando sinto vontade. Quando tenho problemas tento resolvê-los pela literatura. Há quem vá para os tribunais, há quem ataque com uma faca, eu resolvo com a literatura. Sou casado há uma eternidade e nunca conversei sobre literatura com a minha mulher. Ela não sabe quantos livros escrevi, lê o que faço e boceja, dormindo no meio do relato com a maior facilidade. Esta é a minha rotina diária.

(*) São Paulo, novembro de 1989.

Bazar de Humanidades

Ruy Póvoas I

Tomou posse na Academia de Letras de Ilhéus, no último dia 12 de maio, onde nasceu em 1943. Professor da Universidade Estadual de Santa Cruz e autor de vários livros, como **Vocabulário da Paixão**, poemas, **Itan dos Mais Velhos**, contos, **A Linguagem do Candomblé**, estudo sócio-linguístico e **VersoREverso**, poemas.

Abel Pereira I

No dia 21 de maio, faleceu no Rio de Janeiro, onde residia, o poeta ilheense Abel Pereira, com quase 98 anos de idade. Nasceu no povoado Banco do Pedro, em 28 de dezembro de 1908. Destacou-se como poeta, tendo publicado seu primeiro livro **Colheita**, no final dos anos 50.

Abel Pereira II

Abel foi co-fundador da Academia de Letras de Ilhéus, em 1959, seu primeiro presidente e titular da cadeira nº 14. Abel foi colaborador de vários jornais em sua longa jornada, como **A Tarde**, de Salvador, **Diário da Tarde**, de Ilhéus, **O Intransigente**, de Itabuna e na revista **Leitura**, no Rio de Janeiro.

Aniversário

Edição comemorativa do abxz - Caminho das Letras. Em julho

Ruy Póvoas II

Criador e dirigente da revista de estudos de cultura afro baiana **Kawé**, o professor, poeta e escritor Ruy Póvoas entra na imortalidade das letras ilheenses e grapiúnas, fortalecendo a Academia de Letras de Ilhéus. Se a Academia perdeu com a morte do professor **Franolino Neto** robustez, recupera-a com Ruy, no vigor de sua maturidade intelectual.

André Ribeiro

No dia 26 de maio tomou posse na Academia de Letras de Ilhéus o professor e historiador **André Ribeiro**, autor do livro **Memória e Identidade**, derivação de sua dissertação de mestrado. Edição Editus/UESC.

Antônio Lopes

O também imortal das letras, o jornalista e escritor Antônio Lopes lançou seu mais novo livro **Estória de Fação e Chuva** (crônicas). Edição Editus/UESC.

Teatro

Autor teatral da peça **Transe veio a Itabuna** para assistir a montagem de Eva Lima para **Transe**

Editora Editus/UESC

Lança, através de Eliane Sabóia, em reedição, livro de contos de seu pai, editado em primeira mão em 1933.

Para lembrar I

Centenário de nascimento de Mário Quintana, setenta anos da morte do maior poeta da língua portuguesa, Fernando Pessoa e cinquenta anos da publicação de **Grande Sertão: Veredas**.

Para lembrar I

Datas que precisam ser comemoradas

JUNHO

- 01 - Dia da Imprensa Brasileira
- 07 - Dia da Liberdade de Imprensa
- 10 - Dia da Língua Portuguesa
- 21 - Dia do Intelectual

JULHO

- 18 - Dia do Trovador
- 25 - Dia Nacional do Escritor

Quiosque Walter Moreira

abxz - Caminho das Letras destaca, da nova fachada do Quiosque Walter Moreira, os seguintes fragmentos de poesia e reflexões de pensadores locais, nacionais e internacionais. Um convite e um estímulo aos estudantes para integrarem a "reflexão".

"Se eu quiser falar com Deus
Tenho que me aventurar
Tenho que subir aos céus
Sem cordas pra segurar
Tenho que dizer adeus
Dar as costas, caminhar
Decidido, pela estrada
Que ao findar vai dar em nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Nada, nada, nada, nada
Do que eu pensava encontrar".

Se eu quiser falar com Deus, Gilberto Gil

Paraíso

Ser feliz?
Não há mistério...
Fazer o que gosta,
morar onde gosta,
viver com quem gosta,
não ter agonia,
trabalhar e viver.
Dançar no terreiro,
morar na Bahia,
viver com você.

Ruy Póvoas, poeta e escritor. VersoREverso.

"Ler é evitar que a alma enfarte"

Jorge Souza de Araújo.

"Do que deixei escrito nestas páginas se desprenderão sempre - como arvoredos de outono e como no tempo das vinhas - as folhas amarelas que vão morrer e as uvas que reviverão no vinho sagrado. Minha vida é uma vida feita de todas as vidas: as vidas do poeta".

Poeta chileno, Pablo Neruda, Prêmio Nobel de Literatura, da obra "Confesso que Vivi".

"Quando me proponho a procurar, em diferentes épocas, nos diferentes povos, a causa eficiente que provocou a ruína das classes que governaram, distingo com clareza um certo acontecimento, um certo homem, uma certa causa accidental ou superficial, mas, acreditem, o motivo real, a causa mais eficiente que leva os homens a perderem o poder, é o fato de se tornarem indignos de exercê-lo"

Político e pensador francês Alexis de Tocqueville, 1848.

"O bom é que o artista nunca desiste".
Zélia Lessa

"A angústia da influência não decorre da impressão de que o espaço pretendido já foi ocupado, mas de que a grandeza talvez não consiga renovar-se a si mesma, que a inspiração seja maior do que o talento para concretizá-la"

Harold Bloom, crítico literário norte-americano.

"Toma um fósforo. Acende teu cigarro!
O beijo, amigo, é a véspera do escarro,
A mão que afaga é a mesma que apedreja,

Se a alguém causa inda pena a tua chaga,
Apedreja essa mão vil que te afaga,
Escarra nessa boca que te beija!"

Versos Íntimos, Augusto dos Anjos

"Viver não é de verdade.
Viver, não de verdades,
Mas da sobreposição
Das caras-amarras
Que nos escondem.

Viver necessita ser de verdade...
"Do fundo" - poema de Daniela Galdino, do livro *Vinte Poemas Caleidoscópicos*

Destques ↑↓

Positivo

À **Secretaria Municipal de Educação de Uruçuca**, berço do escritor Jorge Medauar, que realizará oficinas na área de Matemática e Língua Portuguesa. É promissor quando responsáveis pela educação reconhecem o valor dos nossos profissionais e o valor de suas publicações, como *Tratamento da Informação para o Ensino Fundamental e Médio*, das professoras da UESC, Irene Cazorla e Eurivalda Santana, aproximando alunos e os que constroem e dão sotaque, cor e sabor locais ao saber universal. Bom para as crianças e jovens da escola pública de Uruçuca.

Negativo

Prefeitos que são generosos com a indústria cultural das festas (carnavais, micaretas, São João e outras festanças), bancadas com os escassos recursos públicos, e desconhecem que publicações nas bibliotecas (ou ao menos salas de leitura) públicas municipais são necessárias e oportunas à formação das nossas crianças e jovens. Pior se sequer essas bibliotecas existem. Nesse caso, sempre é possível começar.

TOPETE

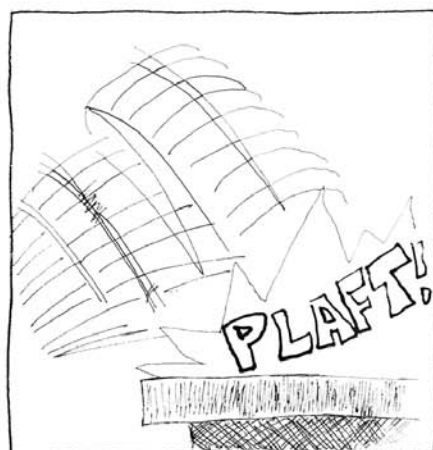
ENQUANTO AS ESTRADAS ESTÃO ESBURACADAS, OS ESGOTOS A CÉU ABERTO ESPALHANDO DOENÇAS, POSTOS DE SAÚDE SEM REMÉDIOS, ALUNOS SEM MERENDA, PROFESSORES MAL PAGOS...



... O GOVERNO GASTA DEZ MILHÕES DE DÓLARES, ENVIANDO UM BRASILEIRO AO ESPAÇO. QUE UTILIDADE ISSO TEM?



LEOS



Abrindo o Livro

Os becos do homem e Letra, leitor, leituras: reflexões

Poesia que assume a 'marca suja da vida'

Jorge de Souza Araujo.
Os BECOS DO HOMEM, Poesia,
Edição Antares/INL. 83pg.

"Os becos do homem", conquanto não represente a estréia do poeta em livro (poemas seus já haviam integrado duas antologias: "Poesia moderna da região do cacau", 1977 e "12 poetas grapiúnas, 1979), constitui de fato sua primeira coletânea individual. Tem, assim, o valor de uma estréia, e estréia marcante no contexto da poesia brasileira, hoje.

Baiano do sertão, tendo passado os anos decisivos de sua formação nas terras do cacau, no sul da Bahia, Jorge de Souza Araujo vai, já adulto, participar da vida nos grandes centros. A experiência do adolescente interiorano, conjugada ao choque provocado pelo contato com o mundo complexo e traumatizante da moderna civilização urbano-industrial, encontra-se na raiz

mesma de sua poesia – como se dera no caso do mineiro Drummond.

Jorge de Souza Araujo demonstra aguda consciência da solidão e da perda de substância humana que rondam, ameaçadoramente, o cotidiano do homem, numa civilização que endeusa a máquina e procura transformar o indivíduo em massa. A denúncia desse estado de coisa se faz através de uma poesia "impura", alheia aos clichês do "estado lírico": "uma poesia que tresande dissolva / o amargo de-samparo / da natureza da linguagem".

Em 1949, Manuel Bandeira lançou, com sua "Nova poética", a "teoria do poeta sórdido", "aquele em cuja poesia há a marca suja da vida". As

décadas seguintes, seduzidas pelo formalismo mais ou menos estéril das vanguardas, ignoraram o potencial renovador contido nas

propostas do velho mestre. Jorge de Souza Araujo assume integralmente esta "marca suja da vida". Ele sabe que só aceitando de frente o desafio da realidade, pode a arte evitar o esvaziamento de significado cultural que, há muito, a vem marcado. O resgate do homem alienado constitui, afinal, o objetivo por excelência a que se deve pro-por, nos tem-

pos atuais, toda poesia digna deste nome: "Só uma eia salva o homem hoje / da condenação de si a si mesmo / por que herodes de seu menino / avatar de sua história / Ao ho-mem



O livro **Os becos do homem**, relançado pela editora Via Litterarum, está à disposição em livrarias, no Quiosque Walter Moreira, praça Olinto Leone, em Itabuna, e na própria editora através do www.vialitterarum.com.br

Do mesmo autor e editora, para professores e alunos de Letras e Pedagogia, **Letra, leitor, leituras: reflexões**, uma preciosa obra voltada para aprimorar a arte de ler e escrever.

Solidão se sabe a isto
uma mesa uma cadeira
um quarto só e úmido
e uma profunda certeza de morte

Solidão se sabe a tudo
o que seja distância do outro
do outro senso que nos redima
e nos suporte em suas cãs

Solidão se espanta neste ar quente
e na provocação deste vidro de remédio
ou deste relógio sem som e sem tempo
e neste estar alheio à face do demônio

Enfim ao metálico limo assentado na angústia
da memória, viva embora, mascarada
na lembrança e na lembrança assando
o que a gente se esforça por esquecer
[e não consegue

TEORIA DA PRÁTICA

só resta reecontrar-se / nas retinas do mundo".

JOSÉ MAURÍCIO
GOMES DE ALMEIDA
(Jornal O GLOBO - pág. 5
2º caderno. Domingo, 24/10/82).

Nota do autor Ler de encher os olhos

Em 2001, publicamos um despretensioso *Caderno de exercícios: algumas reflexões sobre o ato de ler* (Ilhéus-BA: Letra Impressa), cuja pequena tiragem pode ter facilitado seu rápido esgotamento. Não obstante — e sem a modéstia dos excessivamente tímidos ou cautelosos — pode-se ainda creditar o relativo sucesso (para os padrões de edição interiorana e realista, restrita a um público eventualmente composto por estudantes secundaristas e universitários) ao interesse despertado pelo conjunto de disciplinas da História das Mentalidades, que elegeu o livro (recepção, circulação, discurso) como objeto de estudo e a uma determinada empatia alcançada entre uma faixa emergente de interessados, dispostos a compreender o livro para além de mero objeto de consumo.

Neste 2006, especialmente acolhido pela Via Litterarum, editora comercial com laivos de febre idealista, sai o *Caderno* em nova edição, robustecida por alguns acréscimos e alterações, a começar pelo título. Nesta perspectiva, *Letra, leitor, leituras: reflexões* vai um pouco além de apenas ser a segunda edição do *Caderno de exercícios*, não só por revisar e incorporar outros textos, mas também por pretender fixar algumas matrizes ideológicas acerca do papel

exercido pelo livro na sociedade brasileira midiática e *fashion*, onde valores humanistas passam por sucessivas e dolorosas crises de identidade. A pretensão, contudo, permanece a mesma: reavivar no espírito leitor o prestígio da galáxia de Gutenberg como instrumento crítico capaz de repensar o mundo.

O poeta setecentista Milton, do épico sagrado *O paraíso perdido*, dizia que *um livro é o sangue vital do espírito humano*. Assim investido, *Letra, leitor, leituras: reflexões* é livro sobre o livro, a leitura, a palavra poética e suas ramificações

no pensar humano. Discute a cultura brasileira, as ciências e humanidades sob a forma de redesenho das incluições artísticas e literárias e as estratégias da cultura ativa para a formação humanista do leitor, apostando desde a reorientação de programas de qualidade educacional aos manejos das relações leitura/escritura sob o crivo de suas determinações transformadoras de mentalidades. Afinal, diz Neil Postmann (em *O fim da educação*) que *Sem uma narrativa, a vida*

não tem sentido. Sem um sentido, a aprendizagem não tem finalidade. Sem finalidade, as escolas são casas de detenção, não de estudo.

Em outros termos, se compreendermos *narrativa* como *rumo, rota, roteiro, direção, anomia, orientação*, este *Letra, leitor, leituras: reflexões* pode também ser entendido como relato de experiências, pensares e sonhos, objetivando suscitar no leitor a apreensão de signos dialetizadores da representação do ato de ler como assunção de novos rumos, rotas, roteiros, anomias, orientações. Por isso agrega novos artigos de per-

muta observante e significativa. No índice renovado do livro, um "Manifesto pelos direitos de ler" discute a ação (ou inação, mais precisamente) das políticas públicas do Estado brasileiro no campo do incentivo à leitura. "Por um repertório de desejos" salienta as expressões da linguagem literária como ponta de um mútuo compromisso de interlocuções e sob a marca da fruição do sonho e do *desejo de apreender e nos confirmar no gesto de existir*. Em "A Bíblia falada

e outras costuras textuais", analisamos a importante contribuição dos depoimentos de leitores sobre suas experiências com a prática da leitura libertadora. No capítulo seguinte, apresentamos nossa receita e "Antídoto contra a inércia e o desencanto: a Literatura". Aduzimos ao livro uma entrevista concedida ao jornal literário *abxz – caminho das letras*, debatendo questões relacionadas com o objeto de *Letra, leitor, leituras: reflexões*, o mesmo acontecendo com um artigo (na seção "Crítica de livros") sobre a recepção de *O príncipe*, de Maquiavel, seus desdobramentos e repercussões, a partir de uma obra que faz a exegese do pensador florentino. E, finalmente, na seção conclusiva "E por último...", reintroduzimos os "Dois quase poemas", que compunham o *Caderno de exercícios*, impressos na segunda e terceira de capa.

Feitos os adendos — que esperamos prestantes à recepção das matérias abordadas pelo número expressivo de novos espíritos gutenberguianos —, ficamos à mercê da generosa atenção dos que passarem as vistas pelas páginas seguintes. Com um forte abraço de esperança nos fins humanistas da espécie humana.

O autor



TelaPoema

Variante sobre o amor

Minha amada ficou no rio
de quando eu tinha oito anos:
ficou na tinta do sol-posto
quando eu voltava das provas
dos exames escolares.

Ficou na estátua de bronze
não sei se de Rui ou de Seabra.
que ficava numa praça longínqua
– hoje fumaça nos meus olhos.

Minha amada ficou no poema
(de linguagem cívica)
recitado pela colegial de olhos miúdos
numa tarde de sete de setembro.

Ficou no céu matizado
na hora exata do amanhecer,
entre pássaros e verdes,
chuva e sol saindo
no casamento da raposa.

Ficou nos sinos das igrejas,
perdida nas multidões imprecisas;
ficou nos reisados do Bumba-meu-boi,
no suor de rostos tismados
no meio dos cacauais;
ficou perdida no mar
entre homens desconhecidos.

Ariston Caldas



Poema Variante sobre o amor, poema de Ariston Caldas.
Ilustração: Anderson Angeli.

TelaPoema foi inspirada na experiência revolucionária e vanguardista desenvolvida pela Sociedade Itabunense de Cultura – SIC – na década de 70, reunindo as manifestações estéticas de poetas e artistas plásticos do Sul da Bahia numa provocação recíproca: do texto para a tela e da tela para o texto.

Colégio e Curso
SISTEMA
Moderno de Educação

DROGARIAS VELANES



ITABUNA • ILHÉUS

Free Hand
Sinalização e Impressão Digital
em Grandes Formatos



Estas marcas
apoiam o Projeto



**Micro
Computer**
Qualidade em Informática